

Marcelo Cândido
Òsányínwumi

ÒSÁNYÌN

ORIGEM, MITOS, EPÍTETOS E
SINCRETISMO



Edição do autor
São Paulo
2024

ÒSÁNYÌN

Espero ter contribuído para a desincretização de Òsányìn com o personagem Saci-Pererê. Infelizmente sabemos pouco sobre a cultura indígena guarani e sobre o Jaxy Jaterê em nosso próprio país.



Marcelo Cândido

Òsanyinwumi.

ÒSANYIN

ORIGEM, MITOS, EPÍTETOS E SINCRETISMO

Ediao do autor, São Paulo

1a ediao, 2024.

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright: Marcelo Cândido

Diagramação, layout, capa e revisão:

Luiz L. Marins

Imagem da capa: do autor.

Todos os direitos reservados nos termos da Lei 9610/98. Não é permitida a cópia da obra em qualquer tipo de mídia impressa, digital ou social, sem autorização do autor.

Nenhum dinheiro público foi utilizado e nenhuma doação foi solicitada. Todas as despesas foram às expensas do autor.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cândido, Marcelo
Òsányin : origem, mitos, epítetos e sincretismo /
Marcelo Cândido. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do
Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-07709-3

1. Religiões afro-brasileiras I. Título.

24-214705

CDD-299.60981

Índices para catálogo sistemático:

1. Religiões afro-brasileiras 299.60981

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Registrado na Câmara Brasileira do Livro

APRESENTAÇÃO

O livro inicia discorrendo sobre três personagens que estão entrelaçados por diversas narrativas que remetem a dúvidas e confusões: Jaxy Jaretê, mais conhecido como Saci-Pererê, *Àròni* e *Òsányìn*, mostrando as origens e transformações do Jaxy Jaretê em Saci-Pererê, fazendo um paralelo com as entidades iorubá *Àròni* e *Òsányìn*.

Falaremos sobre suas origens em terras iorubá, compararemos alguns *oriki*¹ de *Òsányìn*, mostrando dois, de fontes etnográficas e um diretamente da família *Egbéwolé*, de *Ilé-Ifè*, apontando as diferenças, reconstruindo os conceitos de *Òsányìn*, refutando alguns mitos que foram difundidos no Brasil e no mundo.

Concluiremos com uma crítica ao sincretismo de *Òsányìn* com Saci-Pererê e uma contextualização dos problemas mitológicos devido à ausência dos *bàbálòsányìn* que originaram pseudos mitos sobre *Òsányìn*.

Marcelo Cândido *Òsányìnwumi*.

Bàbálòsányìn da família *Egbéwolé*, *Ilé-Ifè*

1 O plural iorubá é formado pela anteposição da palavra “*àwọn*”, mas para efeitos deste trabalho usaremos, quando necessário, a forma livre diaspórica com “s” no final da palavra iorubá.

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Òsányìn, pai, amigo, *òrìṣà*, companheiro, inspiração e proposito de vida. Cruzei os oceanos em busca de sua antiga ancestralidade na Nigéria. Um filho antes desconhecido, que a sua velha casa tornou.

Segundo a Àsápèlá, meu querido irmão, *Olúwo bàbálósányìn* em *Ilé-Ifè*, Nigéria. Por me guiar mata adentro, por essas trilhas que desembocam para o amago da floresta, que vão ao encontro de Òsányìn.

Terceiro ao escritor Luiz L. Marins, por me ajudar a colocar no papel informações sobre uma antiga ancestralidade. Culturas e crenças indígenas de raro e difícil acesso, que me ajudaram a desmistificar, vários conceitos duvidosos que foram criados ao longo dos anos, sobre Òsányìn.

E por último, a Amanda, adorada e amada esposa, por me apoiar e trazer o devido suporte nessa complexa e desafiadora jornada.

Mo dúpé bàbá mi Òsányìn!

Obrigado a todos!

PRÓLOGO

Aos quatorze anos de idade numa noite de pesadelos. Um homem de pele negra, me perseguia e tentava me dominar (possuir) pela mente. Acordava suando frio, em pânico e paralisado. Na quarta vez desse recorrente sonho, numa mesma noite, parei de correr e tomei coragem para enfrentá-lo:

- Quem é você? (Perguntei).
- *Òsányìn* (Resposta).
- O que você quer? (Perguntei).
- Você, eu quero você! (Resposta com risos final).

Acordei novamente em pânico.

Meses depois, descobri que aquele nome estranho, *Òsányìn*, não era somente uma fantasia, mas sim o nome de uma divindade africana.

Aos vinte e três anos, num jogo de *mérèèrìndilógún* (jogo de 16 búzios) fui informado ser um filho de *Òsányìn*. Aos trinta e oito anos, fui iniciado para *Òsányìn* no Brasil por uma casa de candomblé. Com quarenta e nove anos fiz a primeira consulta com o oráculo *Ìta Òrun* (*ojúbo* de *Òsányìn*).

O *Olúwo bàbá*Ọ̀sányìn *Àsápè̀l̀à*, intrigado comigo, um desconhecido consulente brasileiro, me faz a seguinte pergunta:

- As pessoas procuram *Ọ̀sányìn* para ele predizer sobre suas vidas, mas *Ọ̀sányìn* está me pedindo algo bastante inusitado.
- Ele quer saber se você tem algo a lhe oferecer?

No que prontamente respondi:

- Sim eu tenho!
- Há tempos lhe procuro.
- Estou aqui!
- Sou eu o que ele quer!

ÍNDICE

Capítulo 1.	
INTRODUÇÃO	11
Capítulo 2	
O SACI-PERERÊ DE MONTEIRO LOBATO	19
Capítulo 3.	
OS SACIS ESPALHADOS PELO MUNDO	27
Capítulo 4.	
<i>ÒSÁNYÌN</i> E <i>ÀRÒNÌ</i>	33
<i>Òsányìn e Àrònì</i> , suas origens	34
Mito de <i>Òsányìn</i>	35
<i>Oríkì</i>	41
Análise e interpretação dos <i>oríkì</i>	51
Capítulo 5	
DESMITIFICANDO ALGUNS MITOS FAMOSOS DE <i>ÒSÁNYÌN</i> OU <i>ÀRÒNÌ</i>	55
Capítulo 6	
REFUTANDO O SINCRETISMO	93
Capítulo 7	
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	117
ANEXOS	121

Marcelo Candido Òsányinwumi

Òsányìn: origem, mitos, epítetos e sincretismo

ÒSÁNYÌN

ORIGEM, MITOS, EPÍTETOS
E SINCRETISMO

Marcelo Candido Òsányinwumi

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Como introdução usaremos o texto do escritor indígena Olívio Jekupé, que aos cinquenta e oito anos possui 30 livros publicados na área de literatura guarani.

Diz Olívio sobre Jaxy Jaterê:

“Na cultura Guarani temos um personagem que se chama Jaxy Jaterê. Esse personagem segue a imagem indígena também, ele é o protetor da floresta e não gosta que as pessoas fiquem matando os animais por brincadeira. É um índio que tem duas pernas e usa um colar que lhe dá poder para fazer o que quer, ou ficar invisível se for o caso. Ele também ajuda as pessoas quando gritam seu nome na floresta. Muitas vezes podemos ir na floresta pedir alguma coisa, mas tem que ser a noite e ele gosta que ao ir levem um pedaço de pety (fumo de corda), e gosta muito de pitar, por isso tem sempre um (petyngua) cachimbo na mão.

Por isso nós na Tekoa (aldeia) falamos do Jaterê, não do Pererê. Nós temos o costume de ensinar as crianças sobre esse personagem Jaxy Jaterê e que faz parte da nossa tradição. O que ensinamos não é um folclore, é uma história verdadeira, um personagem que nós acreditamos muito e por isso é que temos que continuar ensinando nossas crianças, assim como acontece

com os não-indígenas. Como exemplo tem os católicos, acreditam em Nossa Senhora, por isso fica chato se eu falar que isso é um folclore, porque os católicos acreditam e se algo faz parte de uma crença, então, é verdadeiro, e não folclore.”

(JEKUPÉ, Olívio. 2017, p. 24-25)

Olívio Jekupé é um escritor indígena da tribo Guarani, é natural do Paraná. Vive atualmente na aldeia Kakané Porã na região de Curitiba, mas morou por 30 em São Paulo, na aldeia Krukutu. Sua esposa também é guarani, sendo pai de quatro filhos, Tupã, Jekupé, Jeguaka e Kerexu.

Esta aldeia Krukutu, em Guarani “lança que vem da terra”, é uma alusão a uma tribo formada por guerreiros. Ela fica localizada na divisa do Riacho Grande, em São Bernardo, com Parelheiros, bairro da Capital. Cerca de 47 famílias vivem no local, totalizando em torno de 300 pessoas.

A aldeia está situada em uma área de preservação ambiental, às margens da Represa Billings e por isso, estão proibidos de plantar, para a tristeza de uma antiga cultura, afinal proibir os indígenas de semear e colher da terra, é o mesmo que afirmar, que os originários filhos da terra não estão aptos para cuidar e viver dela. A cultura dos guaranis que vem sendo dizimada desde o descobrimento do Brasil. (Ferraz, 2014). Esses guerreiros indígenas lutam para manter

suas tradições, para isso vivem dos recursos provenientes do artesanato.

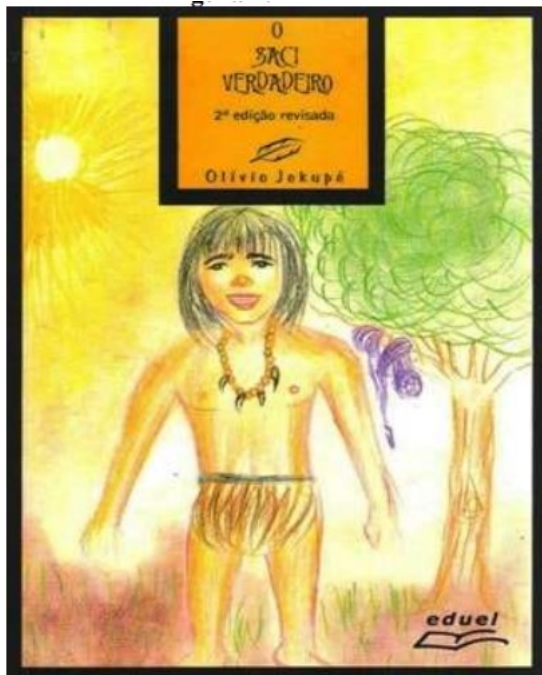
Para os guaranis Jaxy Jaterê significa “Pedaço da Lua”, ou Kambaí “Negro Pequeno”, são nomes dados para um dos sete filhos de Tau e Kerana. É uma cultura que está presente nas aldeias indígenas que falam o idioma guarani.

Conta o escritor e ex-aluno do curso de filosofia da USP, que ele aprendeu sobre essas histórias como sua mãe. Na tribo guarani é dessa forma que indígenas mais novos aprendem sobre suas culturas e tradições. Esses ensinamentos são repassados de forma oral, método que vem sendo utilizado por gerações. Olívio conta que suas estórias favoritas eram as do Jaxy Jaterê, mas quando começou a frequentar a escola, descobriu que havia na literatura brasileira um ser chamado de Saci-Pererê, negrinho, pernetta, de gorro vermelho, cachimbo na mão e traquina.



<http://oliviojekupe.blogspot.com/>

Assim, Olívio resolve investigar essa estória, para vir esclarecer sobre o Jaxy Jaterê em suas raízes indígenas, e para isso ele lança o livro: “O Saci Verdadeiro”, que busca preservar as memórias do Jaxy Jaterê como ser mitológico vivo da cultura Guarani, em contraponto ao Saci-Pererê.



Fonte: Desenho de Capa - Olavo Ricardo;
Projeto Design - Mariano L. de Andrade Neto, Editora EDUEL

Segue alguns trechos de uma entrevista de Olívio Jekupé ao portal *Hypeness* falando um pouco sobre o Jaxy Jaterê:

“No Brasil, em qualquer aldeia guarani em que você for, você pode ouvir sobre um personagem que é o protetor da floresta, chamado Jaxy Jaterê. As crianças sabem que você não pode destruir a floresta, porque ali é a moradia de Jaxy Jaterê, o protetor da floresta.”

“Quando você conta uma história que é da nossa crença, ela é uma história viva ainda. A gente não classifica como folclore, porque faz parte da crença”, diz Olívio em contraponto à noção folclórica do Saci. Segundo Olívio e as histórias guaranis que sempre ouviu, o imaginário do Saci ardeiro e cheio de artimanhas começou a ser criado a partir de lendas que promoviam a mistura da entidade indígena com influências da cultura africana, que se mantiveram vivas com os escravizados trazidos para o Brasil”.

“Eles [negros africanos] foram escravizados por muitos, muitos anos. Eles ficavam revoltados com tudo isso que acontecia e, na época, eles amarravam o rabo do cavalo; à noite, eles faziam um monte de bagunça para se vingar dos senhores de engenho”, conta.”

“E os senhores de engenho, naquela época, eles não saíam para fora [para a mata], porque eles não eram bestas, né? Eles tinham medo de sair, porque, se eles sássem, eles tinham medo de, de repente, encontrar um negro solto, que podia matá-los. E também podiam encontrar um índio no meio da floresta. Então, eles saíam só no outro dia, porque daí os capitães do mato — que protegiam

o senhor de engenho — iam lá para poder ver o que que aconteceu e tentavam castigar os negros”, continua Olívio.”

“Os negros, para tentar se proteger, falavam que não foram eles que fizeram aquilo [as travessuras]. Daí eles falavam que quem fez aquilo foi o ‘neguinho de uma perna’, que ele é bagunceiro, que ele faz bagunça, que ele amarrava o rabo do cavalo, essas coisas.”

“De acordo com Olívio, a “transformação” de Jaxy Jaterê em Saci-Pererê aconteceu como uma **espécie de sincretismo** usada pelos negros escravizados para enganar os senhores de engenho e, assim, conseguir se proteger de punições.”

“Na verdade, esse neguinho de uma perna seria o protetor da floresta na África, nas crenças africanas. Daí, por coincidência, eles falavam que era ele [a entidade protetora da floresta na África], mas só que não falavam o nome dele. Então, usaram como uma proteção. Daí os negros também sabiam de um pouco da cultura indígena e, nisso, eles pegaram esse personagem [Jaxy Jaterê] e, na época, falavam que era o ‘neguinho de uma perna’, e não falaram o nome africano.”

“Eles [negros africanos] não conseguiam pronunciar o nome certo, e a palavra ‘Jaxy’ virou ‘Saci’, e a palavra ‘Jaterê’ eles pronunciavam ‘Pererê’”, conta. O escritor diz ainda que, por coincidência, a palavra “pererê” existe em guarani, mas é como se fosse um palavrão: significa algo próximo a “peidorreiro”, em tradução livre para o português.”

(JEKUPÉ, Olívio. 2020)

O portal “Gazeta do Cerrado” em novembro de 2020 publicou a seguinte reportagem sobre Olívio Jekupé e o Jaxy Jaterê:

“Apesar da difusão de lendas sobre o Saci em todo o território nacional, Olívio chama atenção para a existência de dois Sacis no Brasil: O do folclore, que se baseia na mistura de crenças indígenas e africanas, e o Jaxy Jaterê, protetor da floresta na cultura guarani. Ao mesmo tempo, o escritor também adiciona que, no Paraguai – onde a etnia guarani é bastante presente, as histórias sobre o Jaxy Jaterê são bem parecidas com as do Brasil, mas as lendas sobre o Saci-Pererê são desconhecidas.”

“No Brasil, em qualquer aldeia Guarani que você for, se você falar do Jaxy, eles conhecem, explica Olívio.”

“Se você for no Paraguai, como o povo lá fala guarani, tanto o indígena da aldeia, como o povo da cidade. Se você falar o nome de Jaxy Jaterê, todo mundo conhece, porque lá se conta a história do personagem indígena.”

“Você não pode matar os animais à toa, porque o Jaxy Jaterê não vai gostar. Por isso, nós educamos nossas crianças a valorizar nossas histórias, porque é assim que você se apaixona pela floresta, porque a gente sabe que ali tem uma moradia.”

“Então, a floresta não é só uma árvore, ela é um lugar sagrado, onde tem os espíritos da floresta, tem o Jaxy Jaterê. Nós somos protetores da floresta nesse sentido, porque a gente sabe que ali tem uma moradia.”

“As histórias compartilhadas por Olívio receberam apoio do espanhol Bartolomeu Melià (1932 – 2019), considerado o maior antropólogo do Paraguai, país sul-americano onde se radicou. Ao ser contatado pela editora responsável pela publicação do livro “O Saci verdadeiro”, que se preocupou ao transmitir uma história tão inédita na literatura nacional, Melià foi direto, segundo Olívio:

“Pode publicar, porque a história é verdadeira”, disse o antropólogo.”

“Autor do que chama de literatura nativa - própria da cultura indígena, escrita por um representante nativo (e não por brancos), sobre o que eles mesmos vivem e conhecem, a partir das especificidades de cada etnia - Olívio Jekupé adiciona ainda como enxerga a contraposição entre a cultura viva e folclore:”

“O folclore é aquela coisa que a pessoa, na verdade, não acredita. Nós não, nós acreditamos naquela história. Então, aquela história para nós, ela é viva. Já o folclore é uma coisa, assim, pode-se dizer morta, né? Que as pessoas não acreditam.”

Capítulo 2

O SACI-PERERÊ DE MONTEIRO LOBATO

Desde pequeno sempre fui apaixonado pelas estórias do folclore brasileiro, me recordo de que nas três vezes que fiz trabalhos escolares sobre esse tema, duas vezes escolhi o Saci-Pererê e outra o Curupira.

Nessas pesquisas feitas na biblioteca do colégio, aprendi através nos livros que o Saci é um ser encantado da floresta, de pele negra, de uma única perna, que fumava um cachimbo, usava um gorro vermelho mágico e que fazia várias travessuras.

Esse Saci é bastante conhecido em todo território brasileiro por influências do escritor José Bento Monteiro Lobato. Sua mitologia se estende para livros, revistas, jornais, teatro, séries de TV, músicas, dança, pinturas e internet. Está presente em várias cidades em todo o Brasil.

A construção desse personagem tem início em meados de 1917, por consequência de uma pesquisa, ou uma investigação científica sobre as lendas do Saci-Pererê espalhados em vários lugares do país. Foi quando Monteiro Lobato, através do jornal: O Estado de São Paulo, convidou

seus leitores a prestar seus depoimentos sobre o que conheciam, viram ou ouviram sobre o Saci-Pererê.

Para esta colhida de informações foram recepcionadas pelo jornal diversas cartas assinadas pseudônimas. Narrativas que vieram de Minas Gerais, Rio de Janeiro e do interior paulista. É com base nessas respostas, que Lobato lança o livro: “Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito”, publicado em 1918, republicado em 2008 pela Globo.

Transcreveremos deste livro, edição de 2008, em pdf, na íntegra, um dos depoimentos que foi recolhido nessa enquete, para termos uma ideia sobre esses relatos do Saci naquela época:

Depoimento de um anônimo (Lobato, 2008 [1918], p. 72, pdf.)

É sul-mineiro e nota as divergências entre o Saci paulista e o mineiro:

“Afirmam os velhos africanos escravos que o diabo, em certo dia, resolveu dar uma grande festa no Inferno. E foi de tal porte o forrobodó, prodigalizou-se tanta cachaça, que nem sequer o porteiro escapou a uma grande carraspana. Ora, à saída dos convivas, aproveitando-se desta circunstância, muitos diabinhos escapuliram cá para a terra. Furioso, o diabo deu-lhe caça, agarrando todos menos um, o Saci que, não obstante ter uma perna só, ainda hoje zomba do filho das trevas, graças à sua astúcia e agilidade inexecidíveis.

As primeiras aparições do Saci deram-se no tempo da escravatura, nas grandes fazendas, cujos proprietários eram senhores de muitos cativos. O incorrigível demônio tinha grande predileção pelos monjolos, moinhos, engenhos e frequentava, com especialidade, as cozinhas, senzalas, os sambas e batuques dos pretos. Numa grande propriedade agrícola, onde passei grande parte da minha infância, os escravos viram-no muitas vezes e chegaram a trocar com ele não poucos desaforos. Desses escravos destaquei apenas dois, o Pai Adão e a tia Liberata, ambos velhos, estimados, muito acatados e incapazes de invencionices.

Uma vez, conta o Pai Adão, recolhia-se ele à casa, depois de um pagode que durara toda a noite. Num dado ponto da estrada, como se estivesse fatigado, parou à sombra de uma grande árvore para tomar fôlego. De repente um dos galhos da árvore, do qual pendia uma caixa de vespas, apesar de estar o ar completamente parado pôe-se a se agitar freneticamente. Alvorçadas, as vespas atiram-se contra o preto velho, que se vê obrigado a fugir precipitadamente, com o casaco embrulhado na cabeça, até uma grande distância. Foi então que sobre o coiceiro de uma porteira que lhe ficava na frente notou um negrinho de pele muito lustrosa, tendo uma só perna, beiços e olhos vermelhos como brasas, trazendo na cabeça uma carapuça escarlata. Naquela posição, o negrinho, ria a mais não poder, e ria, de um risozinho muito agudo, que penetrava os ouvidos do velho africano como agulhadas.

— De que é que te ri, negrinho cachorro? Perguntou o Adão irado.

— Saci gosta de ver marimbondo escaramuçar pai velho. Respondeu o outro, aos risos.

E o Saci saltou ao chão, deu algumas cambalhotas difíceis, fez uma série de caretas e foi-se assobiando, com escarcéu. Ora, ninguém pode negar que o Adão tivesse visto o Saci. Este velho africano foi sempre um modelo de probidade. Tia Liberata (outro modelo de probidade), certo dia, voltava da fonte com um pote à cabeça quando, ao aproximar-se da porta da cozinha, sentiu que perdera o equilíbrio e, depois de lutar por algum tempo, de ir para diante e vir para trás, de oscilar para a direita e para a esquerda, estendeu a fio, indo o pote fazer-se em pedaços a grande distância. Foi então que a preta notou no beiral da casa, desfeito em gargalhadas, o mesmo negrinho, anteriormente observado por Pai Adão. A Liberata viu-o perfeitamente. Era um negrinho de pele lustrosa, beiços vermelhos, olhos vermelhos, uma perna só e trazendo na cabeça uma carapuça da cor de uma brasa.

— Saci gosta de ver negra velha quebrar pote. Disse ele, acompanhando as palavras de uma careta em que se lhe viam os dentes de uma alvura incomparável.

Em todas as demais aparições do Saci, aliás, ele sempre se apresenta invariavelmente sob a forma de um negrinho de uma perna só, beiços vermelhos, olhos vermelhos e uma carapuça escarlata na cabeça. Além disso, devemos acrescentar, ele foi sempre incapaz de uma perversidade de consequências funestas. Limitou-se exclusivamente a afligir os velhos escravos e escravas; a assustar os criulinhos; a afrontar os cavalos de estima; a desarranjar os monjolos, moinhos, engenhos etc. A carapuça do Saci tem uma importância capital.

Quem lhe deu foi o Eterno. Graças a ela, o terrível traquinas torna-se invisível aos olhos do Diabo. Assim até hoje não foi ainda apanhado. Como se depreende facilmente do exposto, o Saci aqui de Minas é bem diverso do Saci aí de São Paulo.”

Lobato publicou setenta e três depoimentos que foram coletados neste inquérito. Na maioria são histórias contadas pelos escravos e ex-escravos, trabalhadores das fazendas, retratando um ser pequeno, negro, de uma perna, encantado da floresta, de perfil psicológico a cometer traquinagens e zombarias. Em algumas narrativas, os senhores de escravos o comparavam com o próprio diabo cristão, por conseguir acabar com sua paz e sossego.

Estórias com vários enredos, mas com seus acontecimentos sempre próximos das zonas rurais, de hábitos noturnos e gostos peculiares: Trançar as crinas dos principais cavalos da fazenda, sumiços de pequenos itens, beber o vinho dos barris e comer e destruir parte das plantações. Arreiro e pregador de sustos, que justificariam alguns deslizos nos afazeres domésticos pelas escravas, como quebrar pratos, salgar as comidas, bater às portas etc. Morador nas tocas de tatus, nos ocos dos bambus e árvores velhas. De noite seu assovio estridente deixava qualquer um em pânico.



Fonte: LOBATO, Monteiro.

O Saci-Pererê Resultado de um Inquérito, p.14 (pdf).

Ilustração de Lobato, pintura em nanquim.

Em 1921, Monteiro Lobato adapta algumas dessas estórias recolhidas no inquérito, para um público infantil com o lançamento de um novo livro: “O Saci”, sendo ele parte da coleção de livros do “Sítio do Pica Pau Amarelo”.

Nisso começa a ser disseminado o Saci-Pererê de Monteiro Lobato, que é uma mistura das lendas do Jaxy Jaterê (ser pequenino, encantado da floresta e que se utiliza de um cachimbo para fumar), somados aos atributos físicos do ser encantado das florestas africanas (pele negra e aleijado de uma perna) e na cabeça, Lobato lhe adiciona um gorrinho vermelho. Vestimentas do ser encantado e brincalhão do

norte de Portugal, chamado de Trasgo ou Fradinho da Mão Furada (Ribeiro Filho, 2017).

Mas, é em 1952 que esse Saci começa a ganhar projeção nacional por uma abordagem televisiva, com o lançamento da série: “Sítio do Pica Pau Amarelo”, exibida em preto e branco pela Rede Tupi. Depois, pelas sequências desta série pela TV Cultura em 1964, TV Band em 1967 e TV Globo em 1977 e 2001, sendo o Saci um dos principais personagens da trama, juntamente de outros seres do folclore brasileiro.

Então, o Saci-Pererê de Lobato, que é mais conhecido pelos brasileiros, é uma invenção?

Diria que é um personagem com mitologias folcloristas, recriadas a partir das estórias contadas pelos escravos sobre o Jaxy Jaterê, o ser encantado da cultura dos guaranis. Um pequenino, pele vermelha, de duas pernas, que carrega um cachimbo e um colar mágico, de perfil psicológico mais amistoso, protetor das florestas e amigo dos indígenas guaranis

Capítulo 3.

OS SACIS ESPALHADOS PELO MUNDO

O interessante nessa última pesquisa, foi descobrir que existem lendas e mitos do Saci em vários países, com descrições semelhantes, ora por deficiências físicas (ausência de membros), ora mitológicos como seres encantados da floresta, ou psicológicos por serem arteiros, brincalhões e pregadores de sustos.

Gonçalves da Rosa faz esse trabalho de revisar esses Sacis em um artigo para a revista “Espaço Ameríndio” divididos em duas partes: na primeira ele apresenta diversos Sacis ligados às tradições culturais na América do Sul, onde ele procura demonstrar a relevância dessa mitologia como ferramenta teórica e metodológica para analisar e traduzir tais personagens, além de apresentar dados etnológicos sobre os guaranis. O autor destaca a relevância do Saci como uma mitologia que atravessa fronteiras, pois está presente em outros países da América do Sul.

Os indígenas guaranis que também estão presentes na Argentina, Bolívia, Uruguai e Paraguai, podem chamá-lo de Yasy-yateré, Iaci-íaterê ou Jaci Jateré. Esses indígenas descrevem-no um ser pequenino, de cabelos loiros, às vezes

de olhos azuis, pele vermelha, com duas pernas. Ele carrega um cajado mágico onde concentra todos os seus poderes, inclusive o de ficar invisível. Nas estórias brasileiras, Olívio Jekupé descreve-o com um colar de sementes mágico, que lhe conferem os mesmos poderes.

Museu Mitológico Ramón Elias – Paraguai



Jacy Jateré ²

2 Ver <https://whichmuseum.com/museum/mythical-museum-ramon-elias-capiata-22832>

Mas, existem outros personagens pernetas encantados que estão presentes em outros mitos. Entre os índios Surui-Paiter em Rondônia, existe o Santi (o perneto do mato), guerreiro de uma perna boa, que tem apenas o osso na outra a qual faz de arma.

No México, o deus Tezcatlipoca (com um pé ausente). No Chile, o Ketronamin, um duende perneto similar ao Saci. Na Europa existem os seres com atributos físicos e morais relacionados ao Saci, Cambions, Elfos, Empusas, Farfadets, Góles, Gobelins, Kreudes, Koboldes, Lamias, Lemures, Brocolacos, Lutins, Vauverts, Willis, Courils, Pulpicans, Troll, entre outros.

Por último, Goncalves Rosa (2022) apresenta em seu artigo, algumas conexões do Saci com a categoria afro-indígena. Destaquei alguns trechos da parte dois do artigo de Rosa, que servirão de base para nossa dissertação, sobre *Òsányìn* e *Àròni*, a partir dessas narrativas e perspectivas.

Diz Goncalves Rosa:

“Em Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi apresenta o panteão de orixás, sendo esses cultuados através de mitos e ritos celebrados por diferentes coletivos negros na África e nas Américas. Trata-se de Ossain. Nas palavras de Prandi: Ossain é o conhecedor do poder mágico e curativo das folhas e sem sua ciência nenhum remédio mágico funciona. Ossain é cultuado em todos os templos de orixá no Brasil, assim como em Cuba, mas

a confraria africana dos olossains, seus sacerdotes herboristas, não sobreviveu entre nós. Em linhas gerais, Ossain é o orixá dono das plantas medicinais e litúrgicas. Desse modo, segundo Pierre Verger, “nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença”.

“Seu símbolo é uma haste de ferro, tendo um pássaro na extremidade superior. A ave é considerada mensageira, ela vai a toda parte, retorna à floresta, empoleira-se na cabeça de Ossain e transmite suas informações (Verger, 2002, p. 53).”

“No livro já referido Mitologia dos Orixás é apresentado o mito:

“Ossain vem dançar na Festa dos Homens”, uma narrativa publicada originalmente por Souza Carneiro, em 1937: ‘Houve um tempo em que os deuses não atendiam mais aos pedidos dos homens. Tudo o que era pedido saía às avessas. Os homens, então, organizaram festas para os orixás. Cada semana um orixá era homenageado. Assim andavam as coisas quando um babalaô advertiu: “Nós teremos uma surpresa vinda do mundo dos orixás”. Certa noite, quando estavam homenageando Ossain, a festa foi interrompida pela chegada de um homem estranho, de traje e modos nobres, montado em um antílope. Os homens não o reconheceram, mas o receberam muito bem, pois parecia ser alguém importante, apesar de ter uma perna só.’”

“Ainda segundo Verger: Ossain vive na floresta, em companhia de **Aroni, um anãozinho, comparável ao Saci-Pererê**, que tem uma única perna e, segundo se diz no Brasil, fuma permanentemente um cachimbo feito de casca de caracol enfiado num talo oco cheio de suas folhas favoritas. Por causa dessa

união com Aroni, Ossain é saudado com a seguinte frase: “Holá! Proprietário de uma única perna que come o proprietário de duas pernas!”. Alusão às oferendas de galos e pombos que possuem duas patas, feitas a Ossain Àròni, que possui apenas uma perna (Verger, 2002, p. 54).

“Como destacado por Verger e Prandi, a partir da perspectiva da mitologia afro-americana, o orixá Ossain possui profundas relações com o Saci-Pererê, considerando características de ordem física, como a sua perna subtraída, o fato de ele ser o dono das ervas, viver na floresta, a relação especial com pássaros, etc. Eles estão na ordem da gemelaridade.

Nos últimos séculos nas Américas, nas florestas e litoral, os povos ameríndios – Tupinambá, Guarani, Taurepang, Surui, entre tantos outros – relacionaram-se com os milhares de negros, negras e com os seus/suas orixás poderosos/as, como o pernetá Ossain. Assim sendo, ameríndios e afro-americanos estão entrelaçados, de forma virtual e inconsciente, a Saci-Pererê e a Ossain – divindades que, entre outras características, fazem circular a lógica afro-indígena.” (O grifo é nosso)

Por muitos anos se falou no Brasil sobre *Òsányìn*, *Àròni* e Saci-Pererê com uma grande quantidade de mal-entendidos e confusões.

É nossa intenção neste trabalho desmistificarmos esses personagens e sobre seus mitos pois, assim como ouvimos do nativo Olívio Jekupé, um indígena, portanto

pessoa com maior propriedade para falar sobre as culturas e crenças dos guaranis.

Agora, pela primeira vez, traremos narrativas de um *bàbálòsányìn* nativo de uma família de *Òsányìn* de *Ilé-Ifè* na Nigéria, para explicar sobre a relação mitológica entre *Òsányìn* e *Àrò̀nì*.

Òsányìn



Fonte: PRANDI, Reginaldo.
Mitologia dos Orixás, p. 151. Ilustração de Pedro Rafael.

Capítulo 4.

ÒSÁNYÌN E ÀRÒNÌ

Sou conhecido em Egbéwolé, que é uma comunidade de Òsányìn, situada em Ilé-Ifè na Nigéria, pelo nome sacerdotal de Òsányìnwumi, que segundo Àsápè̀̀lá significa: “Eu amo Òsányìn”.

Esse orúkò que me foi oferecido por Ìta Òrun (ojúbò oráculo de Òsányìn). Nesta família de òrìsà, é desta forma que seus sacerdotes recebem o seu nome de poder.

Anteriormente fui iniciado no candomblé Ketu, para Òsányìn e hoje sou um bàbálósányìn que foi aceito por uma tradicional família de Òsányìn, por dois motivos específicos:

- a) O primeiro: fui reconhecido por Ìta Òrun como um verdadeiro filho de Òsányìn brasileiro e atribuído em uma missão de sacerdócio para com este òrìsà.
- b) O segundo: fui abraçado pelo egúngún ancestral do bàbálósányìn, que foi o fundador e/ou o progenitor de Egbéwolé na Nigéria, então hoje pertencço a essa família de òrìsà.

Por esses motivos, hoje tenho acesso a uma antiga ancestralidade de Òsányìn, como mitos, crenças, folhas, magias, medicina, costumes e tradições, que me ajudaram nestes caminhos religiosos aqui no Brasil.

Òsányìn e Àròni, suas origens

Àsápèlálá é um ancião, *olúwo bàbálòsányìn* ou o sacerdote com mais alto grau hierárquico dentro da sociedade *Egbéwolé*, comunidade de Òsányìn em *Ilé-Ifè*.

Ele foi iniciado nesse sacerdócio por seu pai biológico, aos cinco anos de idade, da mesma forma que foi com seu pai e seu avô. Ele tem quarenta e seis anos de idade, sendo quarenta e um anos de sacerdócio dedicado a Òsányìn. É considerado como aquele que detém os conhecimentos que deverão ser transmitidos aos mais novos da comunidade. Assim como foi feito, geração após geração.

As informações abaixo sobre Òsányìn e Àròni foram coletadas de Àsápèlálá através de textos enviados por celular³, e essas informações fazem parte dos meus aprendizados como um *bàbálòsányìn* brasileiro que pertence à família *Egbéwolé*. Esses textos foram transcritos por mim a partir da língua inglesa, conforme relatado por Àsápèlálá.

3 Ver prova documental anexa.

Segundo Àsápèòlá, no culto tradicional de Òsányìn, ikin-ifá e opele-ifá não são permitidos, pois o oráculo é o próprio Òsányìn. Assim, as narrativas mitológicas sobre Òsányìn, seguem padrão próprio de um itàn (narração mitológica), sem o contexto de verso métrico de oito partes utilizados para os ese (versos) de odu. Segue a narração, tal qual contada por Àsápèòlá:

MITO DE ÒSÁNYÌN E ÀRÒNÌ

Narrado pelo Olúwo bàbálósányìn

Àsápèòlá Omo-òdò Àgbà

Via WhatsApp, em 06/03/24

“Há muito tempo atrás numa época a qual grandes enfermidades tomaram conta do àiyé (mundo físico), sendo que as mortes e as súplicas foram aumentando, Olódùmarè (Deus da criação), se comoveu com as lamentações e resolveu intervir. Para isso concebeu um ser, o qual lhe deu o nome de Òsányìn, e lhe conferiu amplos conhecimentos sobre o reino vegetal (árvores, arbustos, trepadeiras, raízes, casca, folhas, seiva, flores, frutos, sementes etc.). Olódùmarè lhe confiou seus conhecimentos, para que Òsányìn se tornasse o seu porta-voz, o guardião dos saberes que despertam a energia do àse do reino vegetal.

Ele aprendeu com Olódùmarè os nomes que conferem os poderes de cada planta, suas propriedades medicinais, mágicas e

todos os *ofò* (palavras encantadas que despertam o seu *àse*). *Olódumarè* ainda lhe concedeu o seu dom de enxergar muito além, que chamamos de “*àwòfìn tí kàró*” (aquele verdadeiro que vê tudo). Logo após que adquiriu seus dons e conhecimentos, *Ọ̀sányìn* simplesmente, cai dos céus (*òrun*), e chegou ao *àiyé*. O lugar de sua chegada foi em um mercado chamado de *Èjigbòmekùn*, em *Ilé-Ifè*, na Nigéria.

Ọ̀sányìn chega ao *àiyé* em uma forma física diferente da maioria dos seres humanos, pois possui uma única perna. Tão logo ele consegue se estabelecer aos arredores do mercado, um outro atributo acaba se sobressaindo, pois demonstra possuir uma sabedoria nunca antes vista por qualquer pessoa. Ele conseguia predizer sobre a vida das pessoas, e a partir disso conseguia produzir remédios, utilizando-se dos recursos oferecidos pelo reino vegetal para o tratamento e a cura de diversas mazelas que afligiam os seres humanos. Ele conseguia curar tanto doenças físicas como problemas espirituais.

Os enfermos corriam para lhe pedir a sua ajuda (homens, mulheres e crianças), filas se formavam ao redor do mercado, e logo aquele homem ficou conhecido por suas qualidades e proezas. Chamavam-no de: *Èlèsè Kan Ju*, *Èlèsè Méjì Lọ* (O homem de uma perna só, que é mais poderoso que aqueles com duas pernas). Sua fama começa a se espalhar, e acaba chegando ao conhecimento do rei *Ọ̀lofin Ajalayé ati Ọ̀lofin Ajalòrun*.

O rei pede para conhecê-lo às pressas, afinal ele também estava muito doente e necessitava de ajuda. *Ọ̀sányìn*, como era prestativo, logo se dirigiu ao palácio. Lá ele consegue predizer e informar ao rei sobre os motivos que ocasionaram a perda de sua

saúde. Tão logo ele começou seu tratamento utilizando-se de ervas, o rei foi curado de sua enfermidade.

Òrúnmilà que era o adivinho e conselheiro do rei, ficou impressionado com as habilidades de Òsányìn, pois muito embora ele fosse um grande divinador de oráculo e entendesse de magias com ètùtù (expição), todos esses conhecimentos não lhe foram suficientes para restabelecer a saúde do rei. Encantado com o que tinha acontecido, Òrúnmilà pede para Òsányìn lhe ensinar sobre esses novos saberes.

Òsányìn, que veio do òrun, como um porta-voz de Olódùmarè, para ensinar e ajudar no desenvolvimento da humanidade através das energias do reino vegetal, acaba atuando como um professor durante uma longa estadia que faz no palácio. Òrúnmilà aprende sobre esses novos saberes, então estava mais completo, pois agora conseguia curar as doenças físicas e espirituais com o emprego das ervas.

Mas, tão logo que assimilou esses novos conhecimentos, iniciou-se uma espécie de ciúmes por Òrúnmilà, pois não haveria necessidade de dois feiticeiros trabalhando para atender uma única comunidade, e alguns agravantes acentuaram sua rivalidade. Òsányìn chamava muita atenção para si, afinal sua aparência e fama lhe precederam, mas um outro atributo lhe deixava especialmente desconfortável. Òsányìn carrega o “dom de enxergar as coisas antes delas acontecerem”, e isso começou a incomodar Òrúnmilà, pois além do rei, alguns de seus antigos consulentes passaram a procurar Òsányìn por suas famosas predições. Isso deixou Òrúnmilà muito irritado, a ponto de ele afrontar aquele que foi seu professor nas artes das folhas.

Ọ̀sányìn por entender que Ọ̀rínmilà residia ali antes da sua chegada naquela cidade por ele ter atuado como adivinho, conselheiro, e curandeiro nas práticas de ètùtù daquele povoado, decide deixar aquela região. Mas, as pessoas as quais ele prestou seus serviços não esqueceram das suas proezas, chamavam-no no palácio de Bàbá Ọ̀sányìn (Pai Ọ̀sányìn), e Ọ̀sányìn irúnmonlè (Ọ̀sányìn divindade) como forma de respeito.

Ọ̀sányìn se põem a seguir nova peregrinação, ele com seu poder de enxergar muito além, conseguia se fazer presente nos locais onde necessitavam de sua ajuda. Mas, haveria um novo desafio, algo que ele sozinho não poderia resolver, pois agora multidões lhe procuravam. É na cidade de Ìlàrè, na Nigéria, que Ọ̀sányìn decide criar sua primeira confraria de sacerdotes, que recebe o nome de “Elésinje”.

É neste momento que nascem os primeiros Omo Ọ̀sányìn (filhos de Ọ̀sányìn). Chamavam-no nessa região de Àròni, di oògùn mọ̀yà. (Àròni, guardião dos segredos da medicina tradicional). Para esses sacerdotes, ele ensina não somente a cura pelas ervas, mas como fazer diversas magias, inclusive para a sua própria proteção, ou para subjugar e dominar os seus inimigos. Esses sacerdotes foram incumbidos com a missão de ajudar os enfermos em sua ausência. Chamavam-no por: Elésè Kan Soso Tii Pe Elésè Méji Ránse “Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas”.

Uma vez que este grupo estava devidamente estabelecido, Ọ̀sányìn decide formar um segundo grupo de Elésinje, porém ele se dirige para Isaba Èkítí para este feito. Sua aceitação é tão grande nesse local, que seus Omo Ọ̀sányìn, constroem um

templo em sua homenagem. Lá o chamavam de *Bàbá Elésinjẹ* (Pai de Elésinjẹ) ou *Obà Elésinjẹ* (Rei de Elésinjẹ). Sua fama neste período já era conhecida nos quatro cantos em terras iorubás. Ele que enxergava como *Olódùmarè*, sabia que os *òrìṣà* estavam se reunindo para tentar tomar o seu poder.

Desta forma, Òsányìn decide deixar *Isaba Èkítí*, após um longo período de convivência entre os seres humanos para se resguardar na floresta.

Òsányìn reúne várias folhas em uma cabaça, como se fosse uma espécie de baú do tesouro, para propositalmente lhe virar as costas, e nisso todos os *òrìṣà* se apropriam dessas folhas. Com o passar do tempo esses mesmos *òrìṣà*, perceberam que estavam com as folhas, mas não detinham os conhecimentos para despertar a sua energia de *àṣẹ*. Então, eles acabaram retornando para pedir que Òsányìn os ensinassem, e todos os *òrìṣà* acabam reconhecendo o seu verdadeiro poder, aquilo que foi confiado por *Olódùmarè* e que não podia lhe ser tomado, seus conhecimentos. Deste dia em diante, passaram a chamá-lo por *Bàbá Aláṣẹ Ewé* (Pai, portador do *àṣẹ* das folhas).

Acima destacamos vários títulos que foram auferidos a Òsányìn por suas andanças em diversos lugares na Nigéria. Aqui no Brasil utilizamos um termo que define essas proezas: epítetos (*apoju*).

“Epíteto: Substantivo masculino Palavra usada para qualificar ou caracterizar um nome ou pronome, normalmente com o intuito de exaltar ou engrandecer o seu sentido: caridade é o único epíteto que te descreve.

[Gramática] Figura de linguagem que enfatiza o significado de um substantivo, acrescentando uma característica que lhe é particular: neves frias.

[Gramática] Adjetivo ou expressão que acrescenta um valor não relacionado ao substantivo pelo verbo. Caracterização boa ou má dada a alguém; qualificativo.

Etimologia (origem da palavra *epíteto*). A palavra epíteto tem sua origem no grego "*epítheton*", com o sentido de algo adicionado a um termo que confere a ele um valor particular, próprio; pelo latim "*epitheton*", "*ephitetum*, i", com o mesmo sentido.

Epíteto é sinônimo de: alcunha, cognome, qualificativo, apelido, adjetivo, caracterização, descrição, designação, denominação, identificação, nome.” (Dicio.com.br)

Oríkì

Para definirmos rapidamente o que é um *oríkì*, citaremos Costa Lima (1999, apud Luiz L. Marins, 2024, p. 26), que diz:

“[...] o *oríkì* é uma saudação nominal. É um nome que encerra uma louvação, um elogio que se refere a uma qualidade sempre excelente da pessoa. Os *oríkì* são também criados para os Orixás, as cidades, plantas e animais domésticos”.

A seguir avaliaremos três *oríkì*.

PRIMEIRO *ORÍKÌ*⁴

Agbénígi, òròmòdiè abidí sónsò.

Esinsin abedò kinnikinni.

Kòògò egbòró irin.

Aképe nígbà òrán kò sunwòn.

Tiótíó tín, o gba aso òkùnrun ta gígègìè.

Elésè kan ju elésè méjì lo.

Arò abi-okó lièliè.

Ewé gbogbo kiki oògùn.

Agbénijí, èsisi kosùn.

Agogo nla se eré agbára.

⁴ Simpson, 1993, p. 43. Traduzimos do inglês. A tradução do iorubá é de Simpson.

*O gbà wón lá tán, wón dúpé tènìtèni.
Ogba aso òkùnrun ta gègè.
Okùnrin gbogbó, dá nkan dá nkan.
Elésè kan tí ó lé elésè méjì sáré.
Aròni já sí kòtò di oògùn máyà.
Okùnrin gbogbo, dá nkan dá nkan.
Agúdúgbú-Ojà, tíótíó tó tenu móràn tí kii se.
Afínjú omo tí ngbégun ilé.*

Aquele que conhece o uso das raízes e que tem uma ponta pontiagudo como estaca.

Aquele que tem um fígado cristalino como o de uma mosca.

Alguém que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Alguém que é invocado quando as coisas estão ruins.

O esbelto que ao curar arrebatava a roupa da doença e se move como se fosse cair.

O que tem uma perna só, e é mais poderoso que os que têm duas,

O fraco com um pênis fraco.

Aquele que transforma todas as folhas em remédio.

Agbénijí, a divindade que usa palha.

O grande sino de ferro que produz poderosos sons.

Aquele que as pessoas agradecem sem reservas, depois que os salva das doenças.

Aquele que rouba as roupas da doença e se move como se fosse cair.

O poderoso que comete crimes.

O homem de uma perna só, que coloca o de duas pernas para fugir.

Aròni, que pula em um poço com amuletos amarrados no peito.

O poderoso que comete crimes.

Agúdúgbú-Ojà, aquele que permanece firme em uma questão.

O arrumado que mora no canto de um quarto.

SEGUNDO ORÍKÌ⁵

*Agbénígi, òròmú adie abidí sonso*⁶

*Eṣinsin abèdò kíníkíní.*⁷

Òsányìn a rí ibí rí òhún.

Bí Elédumarè.

Aláse Ewé.

Òsányìn!

Níbo ni Òrúnmilà nlo tí ko mú Èṣù dání.

Níbo ni Òrúnmilà nlo tí ko mú Òsányìn dání.

Aronì elésè kan soṣo.

Bàbá ni aláse ewé fún Òrúnmilà àti gbogbo

àwọn òkànlénígba imalè

Aképè nígbà òrò kò sunwòn.

Elésè kan ju elésè méjì lo.

A níyì káyé bí Elédumarè.

O gba àse ogun ta gíe-gíe.

Aronì, elésè kan tí o gba olókùnrun kalè,

Bí ení gbe omodé.

5 Sikiru Salami, 1991, p. 55

6 A expressão *Agbénígi, òròmú adie abidí sonso*, aqui traduzida por “*Agbénígi*, o pintinho que possui cloaca pontuda”, consta de algumas fórmulas de encantamento. Refere-se a algo de tamanho muito reduzido.

7 A expressão *Esinsin abèdò kíníkíní*, aqui trazida por “A mosca que tem um fígado de tamanho ínfimo”, consta de algumas fórmulas de encantamento. Refere-se a algo de tamanho muito reduzido.

*Arò abi-okó lielié.
Ewé gbogbo kiki òògùn.
Ewé ò! Ewé ò! Ewé ò!
A pè è ní gùsú.
O ló jé ní àríwá.
A niyi kari aye.
À npè o, wá jé wa ooo.
Omò awo ní nṣe òògùn.
Òsányìn wá jé wa.*

Agbénígí, o pintinho que possui cloaca pontuda.
A mosca que possui fígado de tamanho ínfimo.
Òsányìn, que vê aqui e acolá.
Como Elédùmarè.
O portador do àṣe das folhas.
Òsányìn!
Para onde vai Òrúnmilà, que não leve consigo Èsù?
Para onde vai Òrúnmilà, que não leve consigo Òsányìn?
O aleijado, que possui uma única perna.
O pai, senhor do àṣe das folhas, perante Òrúnmilà e as duzentas e uma divindades.
Aquele que é chamado quando as coisas não vão bem.
Ele que tem uma única perna só, é melhor do que aqueles que têm as duas.
É respeitado em toda parte, assim como *Elédùmarè*.
Com o àṣe da magia e da medicina, mostra-se com firmeza.
O aleijado, que possui uma única perna.
E que, ainda assim, salva o doente com a mesma facilidade com que alguém segura um recém-nascido.
O aleijado que possui pênis forte.
Para ele, todas as folhas têm finalidade mágica e medicinal.

Ó folha! Ó folha! Ó folha!

O chamamos no sul.

Ele responde no norte.

Ele, que é louvado e respeitado em toda parte.

Estamos chamando por você, venha nos atender.

É o filho do *awo*, que pratica medicina e magia.

Òsányìn, venha nos atender.

Marcelo Candido Òsányinwumi

Olúwo Àsápè̀lá Omo-Òdò Àgbà

(Olúwo Àsápè̀lá, o filho treinado pelos anciões)

Egbéwolé, Ilé-Ifè.



TERCEIRO *ORÍKI*

O terceiro *oríkì* é bem diferente dos demais, foi coletado oralmente diretamente da família *Egbéwolé*, em áudio via WhatsApp, transcrito para iorubá e traduzido para português pelo Prof. Muideen Adekunle Adegoke.

O áudio original em iorubá está disponível no canal *Osanyinwumi Egbewole*, no Youtube ⁸:

Olúwo Àsápèòlá Omo-òdò Àgbà
(O filho treinado pelos anciões)

Via WhatsApp, em iorubá

Data: 06/03/24

⁸ Link para acesso ao áudio: <https://youtu.be/wWVLLyhtpbs>

1. *Òsanyìn Agẹmọ Góro*
2. *Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.*
3. *Ó jí ní kùtùkùtù tí n bá ará òrun gbàáró.*
4. *Èbọra tí gbé inú agogo gb 'agbára.*
5. *Èlèsè kan ọso tí n pe è lèsè méjì rán níşé.*
6. *Ewèlè òrìşà.*
7. *Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.*
8. *Ó roko roko Ó bá Qlókùnrùn pààlà.*
9. *Ó ní kí Qlókùnrùn ó kú.*
10. *K'óun baà kó ire Qlókùnrùn mó t'òun.*
11. *Ó ní òun tún padà tọ jú Qlókùnrùn.*
12. *Ó ní ara Qlókùnrùn tún padà dá sasasasa.*
13. *Ewèlè òrìşà.*
14. *Eléèwọ àlà.*
15. *Tiotío tí t'ẹnú méjọ, gbogbo ara ni kiki òrọ.*
16. *Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.*
17. *Obìnrin bá tò sí a fì òbò han 'lẹ.*
18. *A kù fì ẹran pamọ kí èèrà má rii.*
19. *Èlèsè kan ọso tí n pe èlèsè méjì rán níşé.*
20. *Éèpà òrìşà, Éèpà!*
21. *Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko*

1. *Òsanyìn Agẹmọ Góro* ⁹
2. Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.¹⁰
3. Aquele que acorda de manhã e negocia com o povo dos céus.¹¹
4. Aquele espírito que tem mais força dentro do agogô.¹²
5. Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.¹³
6. O *òrìṣà* poderoso.
7. Ele vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.
8. Ele chegou na fazenda de *Ọlókùnrùn* (pessoa doente)
9. Ele disse que *Ọlókùnrùn* morreria
10. Ele disse que *Ọlókùnrùn* não poderia cuidar da fazenda
11. Ele disse que se *Ọlókùnrùn* o procurasse ¹⁴
12. Que ele ficaria curado.
13. O *òrìṣà* poderoso.
14. Aquele que não gosta de sujeira.¹⁵

9 A palavra “*Agẹmọ Góro*” é um nome próprio que *Àṣápèḍà* não ofereceu tradução, assim como também para *Òsányìn*.

10 É uma alusão de que ele vê todas as coisas.

11 É uma alusão a uma divindade que consegue negociar e apaziguar as forças dos céus, *ajogúns*, *iyámi* etc.

12 É uma alusão ao seu *ojúbọ*. O espírito que mora no sino (agogô), e tem a força para predizer por sons (assobios).

13 *Òsanyìn* é o guardião dos conhecimentos que desperta o *àṣe* sobre o reino vegetal. Tem a senioridade para ensinar e liderar homens e *òrìṣà* neste segmento, os seres de duas pernas.

14 *Òsányìn* só poderá curar alguém se a pessoa o procurar.

15 É uma alusão de que *Òsányìn* não gosta de mentira, má conduta e do mal caráter.

15. Aquele que fala muito, de forma que seu corpo é feito de palavras¹⁶
16. Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.
17. Aonde a mulher fazer xixi ele mostra a sua vagina para o chão.¹⁷
18. Não adianta esconder a carne da formiga, ela sempre acha.¹⁸
19. Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.
20. *Éèpà Òrìṣà, Éèpà!* (Saudação).
21. Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.

16 É alusão ao poder das suas palavras, que podem predizer como um oráculo, e também curar. Seus *ofò* (encantamentos) tem o poder de despertar o *àṣe* (poder) das plantas.

17 É uma alusão ao seu poder de enxergar, Òsányìn é aquele verdadeiro que vê tudo.

18 É uma alusão ao seu poder, de que nada pode se esconder a ele.

Análise e interpretação dos *oríkì*

Apresentamos três *oríkì* de *Òsányìn*, dois de fontes etnográficas, que são bastante difundidos no Brasil e um inédito, da família *Egbéwolé, Ilé-Ifè*. Neste último, checamos todos os versos junto ao *Olúwo bàbálòsányìn Àsápèòlá*, para que não houvesse erros de interpretações.

Ao publicar um *oríkì*, o ideal é que sua fonte / origem, explique sobre cada um dos seus versos, para que não haja equívocos, por exemplo:

Obìnrin bá tò sí a fi òbò han'lè.

Aonde a mulher fazer xixi ele mostra a sua vagina para o chão.¹⁹

Os dados fornecidos por *Àsápèòlá* são “desde dentro” da família *Egbéwolé*, assim, suas interpretações são corretas e confiáveis.

Há uma diferença entre a tradução do iorubá, e a compreensão da mensagem a que ele se propõe transmitir ou ensinar, sendo esse o maior desafio em interpretações de *oríkì*, ou seja, extrair a sua devida mensagem.

No primeiro *oríkì*, Simpson, transcreve-o da língua iorubá para o inglês e informa ser pertencente a uma família

19 Uma alusão ao seu poder de enxergar, aquele que “vê tudo” sobre algo.

de Ọ̀sányìn em *Ibadan*, porém ele não cita o nome dessa família e também não oferece nenhuma interpretação dos versos junto de sua fonte / origem.

Então, existe o risco de alguém que não seja dessa família de *Ibadan*, tentar interpretá-los, e cometer equívocos nessa tarefa. Vejamos alguns versos registrados por Simpson que carecem de melhores entendimentos:

Agbénígi, òròmòdiẹ abìdì sónsò.

Aquele que conhece o uso das raízes e que tem uma ponta pontiagudo como estaca.

Esinsin abẹdo kinníkinní.

Aquele que tem um fígado cristalino como o de uma mosca.

Nesses dois versos, quais mensagens ou significados eles se propõem a transmitir?

Agúdúgbú-Ọjà, tíótító tó tenu móràn tí kìl se.

Agúdúgbú-Ọjà, aquele que permanece firme em uma questão.

Entendo *Agúdúgbú-Ọjà*, como sendo um nome próprio de Ọ̀sányìn, mas o melhor a ser feito é não tentar interpretá-lo, pois não faço parte desta família de *Ibadan*. O ideal é que esse tipo de explicação acompanhe uma tradução, ou seja, a devida interpretação da fonte.

Okúnrin gbogbó, dá nkan dá nkan.

O arrumado que mora no canto de um quarto.

Neste último, Simpson acaba oferecendo indiretamente uma interpretação, pois ele relata em seu livro que esteve com um *bàbáloṣányìn*, e o *ojúbo* de *Ọ́sányìn* (Simpson.1991, p. 42), e assim escreve:

“O emblema sempre guardado em um canto da sala. O padre (sacerdote de *Ọ́sányìn*) dirigiu perguntas ao emblema, e a figura assobiou ou respondeu. Em ambos os casos, o sacerdote dá uma interpretação da resposta.”

No segundo *oríkì*, Salami não informa qual o nome da família de *Ọ́sányìn* ele pertence e qual a sua região em Iorubalândia. A tradução do iorubá para o português foi feita pelo mesmo. Os dois primeiros versos são semelhantes ao *oríkì* de Simpson, e Salami assim os interpreta:

Agbénígi, òròmú adìe abídí ṣonṣo

Agbénígí, o pintinho que possui cloaca pontuda.

A expressão *Agbénígi, òròmú adìe abídí ṣonṣo*, aqui traduzida por “*Agbénígí, o pintinho que possui cloaca pontuda*”, consta de algumas formulas de encantamento. Refere-se a algo de tamanho muito reduzido.

Eṣinsin abèdò kinikini.

A mosca que possui fígado de tamanho ínfimo.

A expressão *Eṣinsin abèdò kinikini*, aqui trazida por “A mosca que tem um fígado de tamanho ínfimo”, consta de algumas fórmulas de encantamento. Refere-se a algo de tamanho muito reduzido.

Agbéniji, èsìsì kosun.

Agbéniji, a divindade que usa palha.

Neste último, *Agbéniji* é um nome dado a Ọ̀sányìn, porém qual a mensagem este verso deseja transmitir? O ideal é que a fonte / origem da família que se colheu o *oriki* forneça o significado.

Embora Salami apresente uma interpretação nos dois primeiros versos, nos parece que eles ainda carecem de melhor sentido. Na dúvida, decidimos, respeitosamente, desconsiderar estes versos destacados, pois entendemos que precisam de uma melhor compreensão sobre a sua mensagem.

Isso não quer dizer que esses versos preteridos, estejam errados ou equivocados, estamos somente contextualizando uma preferência pelos versos que não deixam margem de dúvidas em sua mensagem, pois os utilizaremos nos próximos capítulos.

Capítulo 5

DESMITIFICANDO ALGUNS MITOS FAMOSOS DE *ÒSÁNYÌN* OU *ÀRÒNÌ*.

Além dos mitos que mostramos, incluiremos mais alguns mitos sobre *Òsányìn e Àrònì* que se tornaram famosos e foram transcritos por pesquisadores e/ou sacerdotes de matrizes iorubá. Eles servirão como instrumento de análise nos próximos capítulos, vejamos:

Cabrera (1954, apud Prandi 2001, p. 160) comenta sobre porquê *Òsányìn* tem somente uma perna:

“[...] Ossaim vivia numa guerra não declarada contra Orunmilá, procurando sempre enganá-lo, preparando armadilhas, para transtorno do velho.

Um dia Orunmilá foi consultar Xangô para descobrir quem era aquele inimigo oculto que atormentava.

Xangô aconselhou-o a fazer oferendas.

Deveria oferecer doze mechas de algodão em chamas e doze pedras de raio, edum ará.

Se isso fosse feito, seria desvendado o segredo.

Ao iniciar o ritual, Orunmilá invocou o poder do fogo.

No mesmo momento, Ossain andava pela mata procurando novamente algo para enfeitiçar Orunmilá.

Ossain foi surpreendido por um raio, que lhe mutilou o braço e a perna e o cegou de um olho.

Orunmilá seguiu para o local onde se via fogo e ouviu gemidos de aleijado.

Ao tentar ajudar a vítima, encontrou Ossain, descobrindo por fim quem era seu misterioso inimigo”.

Cabrera (1954, apud Verger 1981, p. 122) comenta sobre Òsányìn não querer repartir suas folhas com outros òrìṣà:

“[...] Ossain havia recebido de Olodumaré o segredo das ervas. Estas eram de sua propriedade e ele não dava a ninguém, até o dia em que Xangô se queixou à sua mulher, Oiá-Iansã, senhora dos ventos, de quem somente Ossain conhecia os segredos de cada uma das folhas e que outros deuses estavam no mundo sem possuir nenhuma planta.

Oiá levantou suas saias e agitou-as impetuosamente. Um vento começou a soprar. Ossain guardava o segredo das ervas numa cabaça pendurada num galho de árvore. Quando viu que o vento havia soltado a cabaça e que esta tinha se quebrado ao bater no chão, ele gritou: *Ewé O! Ewé O!* (Oh! As folhas, Oh! As folhas), mas não pode impedir que os deuses as pegassem e as repartissem entre si”.

Ellis (1894, p. 40), assim relata sobre a forma física do misterioso Àròni:

“Aroni é o deus da floresta (conhece a medicina tão bem quanto Òsányìn e seu nome significa “Aquele que tem os membros estropiados”. É sempre representado em forma Humana com uma perna só, a cabeça e uma cauda de cachorro. Àròni agarra e devora aqueles que encontra na floresta e tenta fugir, mas, se um homem enfrenta corajosamente e não demonstra medo, ele o leva para os recantos mais afastados da floresta, onde mora, e o conserva junto de si por dois ou três meses, durante os quais lhe ensina com usar as plantas medicinais. Quando o discípulo aprendeu tudo, ele o manda embora e lhe dá, um pelo, de sua cauda para provar aos incrédulos que foi realmente iniciado. Os redemoinhos de vento que fazem as folhas mortas voar são consideradas manifestações de Aroni”²⁰

Pessoa de Barros (2011, págs. 41; 83; 91) discorre sobre os procedimentos de alguns candomblés, em que os coletores de folhas oferendam determinados elementos à Òsányìn ao entrarem na floresta. Depois, o escritor fornece uma cantiga de folha, que chamamos de sasanhe (*orin ewé*), relacionada a Òpeèrè, o pássaro encantado de Òsányìn. Por último, informando sobre o sexo e a sexualidade de Òsányìn:

“O encarregado da coleta das ervas deve abster-se de relações sexuais no dia em que for apanhar as folhas; algumas moedas devem ser colocadas na entrada do mato, juntamente com um pouco de mel, fumo de rolo e cachaça, como pagamento para o dono das folhas.” (p. 41)

20 A tradução do inglês é nossa.

“Òpeèrè Òsányìn s’ibu.

Kuru ide akàkà.

Òpeèrè Òsányìn s’ibu, Bàbá.

Kuru ide akàkà.

O pássaro de Ossain voa fundo.

O pequeno não muda a natureza.

O pássaro de Ossain vou fundo, pai.

O pequeno não muda a natureza.

O canto do sacerdote fala do poder de Ossain por meio da figura do pássaro, presente em sua representação simbólica – seis barras de ferro que circundam uma haste central encimada por uma ave. Abraham (1981: 315), diz que Òpeèrè (*pyncotus barbatus*) voa rápido e reto. Talvez um dos sentidos metafóricos daqueles que se iniciam na crença dos orixás.” (p. 83)

“Ao Orixá Ossain é atribuída, às vezes, a sexualidade feminina, sendo chamado, nessas ocasiões, de Ossanha. Outros, entretanto, discordam, lembrando a sua condição masculina. Há quem afirme a dubiedade do orixá, que não seria nem macho nem fêmea, por apresentar uma condição liminar entre os dois gêneros e outras possíveis expressões da sexualidade humana, motivo por que alguns dizem que ele, Ossain, é pansexual.”

(p. 91)

Ajisafe (1924, apud Verger 2012, p. 230) relata sobre outras formas em que Àròni se apresenta:

“[...] um redemoinho de vento, leva os homens para a floresta por um ou ano ou mais. Durante esse período, o homem assim levado é alimentado por um ser sobrenatural e aprende com ele a arte de fazer talismãs. Ao término, o homem encontra-se em sua casa sem saber onde esteve e como voltou. Esse homem é tratado com temor reverencial e respeito e dão-lhe um título muito elevado entre os Olósányìn, mas um caso como esse é muito raro.”

Egbelade (1998, p. 51) principal Baalé e Olórisà de Iyemoja em Ibadan, menciona que Àròni é esposa de Òsányìn:

“Aroni é a concubina feminina de Osanyin, o Orixá das ervas e plantas. Aroni é uma criatura assustadora, conhecida por ter apenas um braço e uma perna, e um rosto assustador. Ela às vezes aparece como um animal estranho, e às vezes (como neste caso), como uma cobra. É Aroni quem trata da medicina de conjuração, que é forte, potente, e muito perigosa. Ela pode transformar coisas em outras coisas por qualquer propósito. Aroni detesta os seres humanos, optando por viver longe deles na floresta. Por outro lado, seu marido, Osanyin lida apenas com medicina espiritual e medicinal, e existe para resolver os problemas dos humanos e dos Orixás. É com as ervas de Osanyin que os sacerdotes são iniciados e os santuários são “lavados” para que o homem e o Orixá possam interagir. É com Aroni que os seres malignos são conjurados e compelidos a ajudar os humanos a realizar suas tarefas mais perversas.”²¹

21 A tradução do inglês é nossa.

Mapouil (1943, p. 176 apud Rodrigues-Junior 2022, p. 1023) comenta que *Òsányìn* foi um escravo de *Òrínmilà*:

“Quando surgiu pela primeira vez na terra, Fá²² pediu que lhe encontrassem um escravo para trabalhar em sua roça e para isso adiantou uma certa quantia. Compraram-lhe no mercado um escravo chamado Asen Acrelele²³ e o levaram à sua presença. Fá mandou-o imediatamente para sua roça para cortar capim. Asen, no momento em que ia iniciar o seu trabalho, percebeu que iria cortar a erva que cura a febre. Exclamou: “É impossível cortar esta erva! Ela é muito útil!” A segunda erva com que ele se deparou curava a dor de cabeça. Recusou-se igualmente a destruí-la. A terceira erva suprimia cólicas... “Na verdade”, disse ele, “não posso arrancar ervas tão necessárias”.

Imediatamente comunicaram a Fá que seu escravo se recusava a cortar as ervas porque todas tinham um grande valor e contribuíam para manter o corpo saudável. Fá chamou Asen Acrelele e pediu que lhe mostrasse aquelas ervas tão preciosas. Ao ouvir as suas explicações, decidiu que Asen não iria mais trabalhar na roça, mas ficaria ao seu lado para continuar a elucidá-lo sobre as virtudes das plantas, das folhas e das ervas. Desde então, Fá e Asen são inseparáveis. Quando Fá deixa o

22 (29) Nome dado a *Ifá* no antigo Daomé, hoje República do Benin, onde Bernard Maupoil coletou os dados de sua pesquisa.

23 (30) No antigo Daomé, é o correspondente ao *òrìṣà Òsányìn* dos iorubás. *Asen* é também o nome dado a “uma haste de ferro cilíndrica, retilínea, terminada em ponta para ser fincada no chão. O *asen acrelele* é o bastão de Fá”.

fagbasa²⁴, está sempre acompanhado por Asen. Quando Fá é consultado, Asen Acrelele permanece o tempo todo fincado no chão, no local da consulta.”

Verger (1981, p. 122 e 123), faz três afirmações:

“Uma história de Ifá no ensina como o pássaro é a representação do poder de Ossain. É o seu mensageiro que vai a toda parte, volta e se empoleira sobre a cabeça de Ossain para lhe fazer o seu relato. Esse simbolismo do pássaro é bem conhecido das feiticeiras, aquelas chamadas de *Eléye*, proprietárias do pássaro-poder.”

“Ossain vive na floresta, em companhia de Aroni, um anãozinho, comparável ao Saci-Pererê, que tem uma única perna e, segundo se diz no Brasil, fuma permanentemente um cachimbo feito de casca de caracol enfiado num talo oco cheio de suas folhas favoritas. Por causa dessa união com Aroni, Ossain é saudado com a seguinte frase: “Holá! Proprietário de uma única perna que come o proprietário de duas pernas!”, alusão às oferendas de galos e pombos que possuem duas patas, feitas a Ossain Aroni, que possui apenas uma perna.”

E sem citar a fonte, Verger informa:

24 (31) Denomina-se *fagbasa* o espaço reservado às consultas e às cerimônias de *Fá* na residência do *bokono* [correspondente ao *babalaô* dos *iorubás*].

“Ossain é originário de Iraô, atualmente na Nigéria, perto da fronteira com o ex-Daomé.”

Ademakinwa (2014, p. 91, pdf) comenta sobre os companheiros de Oduduwa em sua chegada a Ifè:

“A seguir estão os dezesseis anciãos que vieram com Oodua para fundar a cidade de Ile-Ife:

Qrunmila, também chamado Agbonniregun ou Ifa. Qbatala-Ooyelagbo, também chamado de Orisala. Oluo-orogbo. Qbameri, também chamado de Alapa-Aharemada. Ore-Luere. Qbasin. Obagede. Ogum. Qbamakin. Qbawinni. Aje. Erisile. Elesije. Olose. Alajo. Esidale.

Qrunmila foi o principal conselheiro destes primeiros órgãos governantes de Ile-Ife em todos os assuntos. Qbatalá foi seu artista principal, e Oluorogbo foi seu próximo homem na hierarquia. Qbameri era o general. Elesije era o médico-chefe. Ogun era o caçador-chefe e Aje era o banqueiro ou financista”.

ÀRÒNÌ (ÒSÁNYÌN)

Importante dizer que *Àròni* é somente um epíteto de poder dado às façanhas de *Òsányìn* e não, um anão encantado das florestas de *Ìlàrè*, na Nigéria.

Àròni, di oògùn mọ̀yà.

Àròni, guardião dos segredos da medicina tradicional.

Este provérbio (*òwe*) é como se fosse um *slogan* iorubá, que retrata a antiga e nativa medicina tradicional. *Àròni* (*Òsányìn*), foi o primeiro *òrìṣà* a produzir remédios utilizando de vários componentes e propriedades do reino vegetal, principalmente das folhas e raízes. Para este feito, *Òsányìn* traz do *Òrun* os conhecimentos medicinais e mágicos das plantas, ele também conhece seu nome de poder e os *ofòs* que despertam a sua energia de *àse*. (*Àsápèòlá*, informação pessoal).

O *Ìta Òrun*, o *ojúbo Òsányìn*, local de culto coletivo, é cultuado e venerado todos os dias por *Àsápèòlá* e pela comunidade *Egbéwolé*. Não existem ritualísticas ou liturgias dentro do culto de *Òsányìn* para *Àròni* como um “ser independente”, ele somente é citado através dos *oríkì*, relembrando as façanhas de *Òsányìn* em determinadas regiões da Nigéria. (*Àsápèòlá*, informação pessoal).

Ọ̀sányìn é a divindade da floresta que possui uma única perna. Quando ele cai dos céus e chega ao *àiyé*, em *Èjigbòmekùn*, ele já possuía essa aparência, pois assim foi concebido no *òrun*. Ele tinha dois olhos, dois braços, duas orelhas / ouvidos e uma perna.

Àròni (Ọ̀sányìn), nunca teve uma cabeça e rabo de cachorro como erroneamente foi descrito por Ellis (ver p. 56-7). Ele também não se apresenta em forma de redemoinhos, como descreve Ajisafe (ver p. 58-9). Também não é a esposa de Ọ̀sányìn, com uma aparência assustadora como dito por Egbelade (ver p. 59).

Essas são estórias folcloristas do imaginário daqueles que não pertencem a essa família de *òrìṣà*.

O real culto de Ọ̀sányìn ainda hoje é mantido em segredo pelos *bàbálọ̀sányìn*, e, definitivamente, não serão pessoas pelo “desde fora” desse culto, que falarão com propriedade religiosa sobre ele

Notem que existe diferentes traduções para a palavra *Àròni*:

- Ellis traduziu *Àròni* como “Aquele que tem os membros estropiados”.
- Simpson definiu *Àròni* como um nome próprio, sem tradução.

Òsányìn: origem, mitos, epítetos e sincretismo

- Sikiru Salami traduziu Aronì como “aleijado”.
- Àsápèòlá define Àròni como um nome próprio.

Segundo Àsápèòlá,

- Àròni, todos eles, são somente nomes diferente para *Òsányìn*, pois é ele quem possui uma única perna.²⁵
- *Òsányìn* aprende sobre as folhas com seu pai *Olódùmarè*, e não com Àròni, que é ele mesmo.

Nos *oríkì* apresentados, *Òsányìn* aparece em versos com o ser de uma perna.

Elésè kan ju elésè méjì lo.

O que tem uma perna só, e é mais poderoso que os que têm duas.

Elésè kan tí ó lé elésè méjì sáré.

O homem de uma perna só, que coloca o de duas pernas para fugir.

25 No Brasil sou conhecido pelo nome de Marcelo, mas em *Egbéwolé* por *Òsányìnwumi*, nomes diferentes para a mesma pessoa.

Èlèsè kan ̀sošo tí n̄ pe è lèsè méjì rán n̄ísé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Em outros Àròni, mas ambos são a mesma divindade, pois Àròni é somente um epíteto de Òsányìn.

Aroni, elése kan tí o gba olókùnrùn kalè,

Bí ení gbe omódé.

O aleijado, que possui uma única perna,

E que, ainda assim, salva o doente com a mesma facilidade com que alguém segura um recém-nascido.

Aroni elésè kan ̀sošo.

O aleijado, que possui uma única perna

ÒSÁNYÌN (ÀRÒNÌ)

Entre todos os seus filhos, *Olódumarè* concedeu os conhecimentos que despertam o *àse do_reino* vegetal à Òsányìn. Ele é o guardião desses saberes para ensinar os seres humanos e os *òrìṣà*. E contribuir no desenvolvimento da humanidade e dos diversos cultos aos *òrìṣà*.

Para a Egbéwolé, a “senioridade” acontece também pelos conhecimentos adquiridos e não necessariamente por idade cronológica. Por exemplo, mitologicamente, Òsányìn é mais novo que Obátalá (*òrìṣà* tido em Egbéwolé como o

primeiro a chegar no àiyé), porém é Ọsányìn que ensina posteriormente Ọbàtálá e também aos outros òrìṣà, sobre como despertar o àṣe das folhas, pois Olódùmarè é quem lhe concede esses conhecimentos. (Olúwo Àṣapèolà).

Alguns itàn narram que depois do mundo construído, Ògún veio em seguida, limpando o mato com seu facão, abrindo o caminho para os òrìṣà. As florestas já existiam antes da vinda dos demais òrìṣà, porém esses primeiros irúnmonlè, não detinham os conhecimentos para despertar o àṣe sobre o reino vegetal.

Ser o mais velho a pisar no àiyé, não necessariamente, quer dizer que conheça todos os segredos de Olódùmarè, de forma que é o mesmo Olódùmarè, que entrega a cabaça da existência para Ọbàtálá, e depois ensina a Ọsányìn, sobre os segredos para despertar o àṣe do reino vegetal.

Aláṣe Ewé, Ọsányìn!

O portador do àṣe das folhas, Ọsányìn!

Bàbá ni aláṣe ewé fún Ọrúnmilà àti gbogbo àwọn òkànlénígba imalè.

O pai, senhor do àṣe das folhas, perante Ọrúnmilà e as duzentas e uma divindades.

Èlèsè kan soṣo tí ñ pe è lèsè méjì rán níṣé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Àròni, di oògùn mọ̀yà.

Àròni, guardião dos segredos da medicina tradicional.

Segundo Àsápèòlá, Òsányìn é um *irúnmonlè* (divindades do panteão iorubá, que foram emanados do próprio criador). Ele descende de *Olódùmarè*, portanto é seu filho. Òsányìn pode também ser chamado de *ẹ̀bora* (espírito da floresta), mas ele é essencialmente um *òrìṣà* que veio do *òrun*, que praticou medicinas e/ou magias em algumas cidades (*Ilé-Ifè, Ìlārè e Isaba Èkítí*), e que depois de muito anos de convivência entre os seres humanos, se locomove para a floresta, para iniciar sua última jornada junto aos outros *òrìṣà*.

Alguns de seus *oríkì* explicam essa posição:

Ewèlè òrìṣà.

O *òrìṣà* poderoso.

Ò jí ní kùtùkùtù Tí ń bá ará òrun gbàáró.

Aquele que acorda de manhã e negocia com o povo do céu.

Bàbá ní aláṣe ewé fún Òrúnmilà àti gbogbo àwon òkànlénígba imalè.

O pai, senhor do axé das folhas, perante Òrúnmilà e as duzentas e uma divindades.

Ẹ̀bora tí gbé inú agogo gb'agbára.

Aquele espírito que tem mais força dentro do agogô.

Eepà òrìṣà, Eepà!

Eepà òrìṣà, Eepà!

Òsányìn é um òrìṣà masculino. Não existe em sua família de òrìṣà, em *Ilé-Ifè*, dúvidas sobre isso, diferente do que informou Pessoa de Barros (ver p. 57).

Arò abi-okó lielié.

O aleijado que possui pênis forte.

Alguns mitos duvidosos registrados por Mapouil (ver p. 60), relatam que Òsányìn foi um escravo, vendido por seres humanos em uma feira. Alguém conseguiria imaginar um ser com conhecimentos e habilidades tão especiais sobre o *àṣe* das folhas superiores inclusive aos *irúnmonlè* da criação, sendo simplesmente vendido por seres humanos em uma feira?

Òsányìn é um *irúnmonlè* que vem do *òrun*, ele é filho de *Olódumarè*, concebido “livre”, não se submete a nenhum humano ou òrìṣà (seres de duas pernas). Aliás, existe uma relação inversa, pois os mesmos procuram por Òsányìn, em função dos seus conhecimentos sobre o *àṣe do reino vegetal*.

Essas falácias que narram Òsányìn escravo, procuram transmitir uma falsa impressão de um ser frágil, aleijado e submisso, em histórias que **não são reconhecidas**, por nenhuma família de Òsányìn em qualquer região da Nigéria.

Notem como seus *oriki*, conflitam com essas estórias:

Ewèlè òrìṣà.

O òrìṣà poderoso.

Kòògò egbòró irin.

Alguém que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Èlèsè kan ṣoṣo tí n̄ pe è lèsè méjì rán níṣé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Èlèsè kan ju, èlèsè méjì ló.

O que tem uma perna só, e é mais poderoso que os que têm duas.

Aronì, èlèsè kan tí o gba olókùnrùn kalè, bí ení gbe omodé.

O aleijado, que possui uma única perna e que, ainda assim, salva o doente com a mesma facilidade com que alguém segura um recém-nascido.

Èlèsè kan tí ó lé, èlèsè méjì sáré.

O homem de uma perna só, que coloca o de duas pernas para fugir.

Òsányìn não perdeu uma de suas pernas com feitiços de *edum ará* (pedras de raio) como foi escrito por Cabrera (ver p. 55), no mito de Òrúnmilà e Sàngò. Ele aparece nessa

forma física, com uma perna, pois assim foi concebido no *òrun* e isso não lhe é uma fraqueza (*Àsápèòlá*).

Já observei em outros mitos (textos soltos na internet sem autor e fonte, por isso não transcritos neste livro), que *Òsányìn* perde uma perna ao ser golpeado pelo *ogó* de *Èsù* em uma peleja. Noutro, é *Àròni* quem perde uma perna, ao tentar dar um susto num viajante (*Ògún*), que lhe desfere um golpe de facção, decepando uma de suas pernas.

Mas *Òsányìn* (*Àròni*) nunca se embateu com mágias, fisicamente ou se ocupou com traquinagens. Todos, homens e *òrìṣàs* (seres de duas pernas), procuram por ele, e mantém uma relação de cordialidade, afinal *Òsányìn*, é o guardião dos conhecimentos que despertam o *àṣe* do reino vegetal.

Èlèsè kan ṣoṣo tí n pe è lèsè mèjì rán nísé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Àròni, di oògùn mọyà.

Àròni, guardião dos segredos da medicina tradicional.

Aláṣe Ewé, Òsányìn!

O portador do *àṣe* das folhas, *Òsányìn*!

Bàbá ni aláṣe ewé fún Òrúnmilà àti gbogbo àwọn òkànlénigba imalè.

O pai, senhor do *àṣe* das folhas, perante *Òrúnmilà* e as duzentas e uma divindades.

Òsányìn é o primeiro òrìṣà a utilizar plenamente do àṣe do reino vegetal, pois traz consigo conhecimentos de Olódùmarè (seu pai). Os nomes de poder das plantas, suas propriedades medicinais e mágicas, juntamente dos seus ofò.

Não foi Elésije quem trouxe esses conhecimentos do òrun, como erroneamente foi informado pelo historiador Ademakinwa (ver p. 62).

Alguém conhece a divindade ou òrìṣà Elésije?

Àṣápè̀̀lá, explicou que Elésinje (inclui um “n” a mais na palavra), era a confraria de omo Òsányìn (filhos de Òsányìn). Os grupos Elésinje praticaram medicina e/ou magias para o atendimento dos enfermos, mas Òsányìn é a divindade tutora desta sociedade onde recebe alguns epítetos.

Não deverá ser o pesquisador (não sacerdote dessa família de òrìṣà), a contar sobre origem de Òsányìn, pois as verdadeiras histórias de Òsányìn **não estão nos livros de mitos da Nigéria**. Assim como os antigos, os atuais bàbálòsányìn ainda mantêm o culto da sua divindade em segredo.

Bàbá Elésinje.

Pai de *Elésinje*

Obà Elésinje.

Rei de *Elésinje*.

Aláse Ewé, Òsányìn!

O portador do àse das folhas, Òsányìn!

Àrò̀nì, di oògùn mọ̀yà.

Àrò̀nì, guardião dos segredos da medicina tradicional.

Òsányìn não é originário de *Iraô*, afinal, ele não foi um ser humano que se transformou em *òrìṣà*. O etnógrafo Verger (ver p. 62) não apresentou a fonte desta duvidosa informação.

Òsányìn veio diretamente do *òrun*, ele cai dos céus e chega ao *àiyé*, em um mercado chamado de *Èjìgbòmẹ̀kùn*. O Olúwo *bàbálòsányìn Àsápè̀lá* narra sobre sua origem. O *ojúbo* de Òsányìn da comunidade *Egbéwolé, Ìta Òrun*, que a tradução significa “Fora do Céu”, é uma lembrança desta passagem, de sua vinda do *òrun*.

Em um artigo científico, Abiodun & Faturoti (2021) publicaram sobre esse mercado mágico. Ele fica situado nas proximidades do palácio de em *Ilé-Ifẹ̀*. Era um lugar que desde tempos imemoriais, guardavam o santuário de *Ajé* (pronúncia Ajê) deusa iorubá da riqueza. Lugar frequentado por artistas, criminosos, herbalistas, adivinhos, prostitutas, mendigos, guardas, reis, rainhas, espíritos e deuses.

Transcreveremos apenas as considerações finais do artigo:

“O mercado Ejigbomeḡkun tipifica a cosmologia Yorùbá. Assim, a crença Yorùbá da divisão do mundo em espiritual e físico, e as interações dos habitantes das duas divisões são bem retratadas no exame do mercado Ejigbomeḡkun. Era um mercado do mundo Yorùbá, simplesmente porque era frequentado por humanos, deuses, anti deuses e outros seres espirituais.

O moderno mercado Ejigbomeḡkun foi a continuação do mercado primordial apenas no nome, uma vez que várias características atribuíveis ao mercado primordial já não existem. Por exemplo, a sessão noturna já não se mantém e o mercado moderno é apenas um mercado humano.

No entanto, no decorrer da nossa pesquisa, fomos informados de que nada mudou no mercado tal como está implícito aqui, porque todos os atributos do mercado primordial de Ejigbomeḡkun estão intactos no mercado moderno, mas só podem ser vistos ou percebidos, por aqueles que têm acesso ao poder dos povos primordiais. Por exemplo, as pessoas da época podiam ver o que os olhos naturais não podiam ver e podiam comunicar-se com as forças espirituais.

Portanto, eles eram sobre-humanos. A diferença entre nós e eles explica, portanto, a diferença entre o mercado Ejigbomeḡkun primordial e o moderno.”

Abiodun Ajayi publicou um vídeo recente sobre o santuário de *Ajé* e ao lado o mercado de *Èjìgbòmekùn*²⁶ que mostra uma foto do mercado no final (ver provas documentais).

Òsányìn é tido, por aqueles que não o conhecem, como um *òrìṣà* pertencente a floresta, mas na realidade viveu mais da metade da sua jornada em cidades, curando, salvando vidas e ensinado. Ele se tornou muito conhecido e respeitado, através de um árduo trabalho que se iniciou em *Ilé-Ifè* (*Èjìgbòmekùn* e no palácio), *Ìlàrè*, e *Isaba Èkítí* e não vivendo no âmbito da floresta. É somente depois de uma longa jornada entre os seres humanos que ele se desloca para a floresta, mas já era bastante conhecido em território iorubá.

O gbà wón lá tán, wón dúpé tènìtèni.

Aquele que as pessoas agradecem sem reservas, depois que os salva das doenças.

A níyì káyé bí Elédumarè.

É respeitado em toda parte, assim como Elédumarè.

Aképè nígbà òrò kò sunwòn.

Aquele que é chamado quando as coisas não vão bem.

26 Link para o vídeo: <https://youtube.com/shorts/e99Ytx7YTcM>

Ogba aso òkùnrùn ta gíègíè.

Aquele que rouba as roupas da doença e se move como se fosse cair

Aronì, eléṣe kan tí o gba olókùnrùn kalè, bí ení gbe omodé.

O aleijado, que possui uma única perna e que, ainda assim, salva o doente com a mesma facilidade com que alguém segura um recém-nascido.

A pè è ní gùsú.

O chamamos no sul.

O lo jé ní àrìwá.

Ele responde no Norte.

A niyi kari aye.

Ele, que é louvado e respeitado em toda parte.

À npè o, wá jé wa ooo.

Estamos chamando por você, venha nos atender.

A lenda que Cabrera publicou sobre a repartição das folhas (ver p. 56), é uma estória bastante conhecida, mas Òsányìn, nunca foi egoísta com seus saberes.

Òsányìn ensinou sobre folhas a Òrúnmilà em Ilé-Ifè e depois ensinou os seres humanos em Ìlârè e Isaba Èkítí, ao criar as confrarias Elésinjé. Após esses feitos, ele se recolheu na floresta, mas já era bastante famoso como um òrìṣà que curava e também ensinava. (Àṣápèḍlá).

Cabrera acertou ao relatar que *Olódùmarè* lhe confere seus conhecimentos, porem esse poder teria um propósito. *Obàtálá* recebe a cabaça da existência para a criação do *àiyé*, e *Òsányìn* recebe de *Olódùmarè* seus dons e conhecimentos para ajudar e contribuir no desenvolvimento da humanidade e dos cultos aos *òrìṣà*, através do *àṣe* do reino vegetal.

Òsányìn é “aquele que vê tudo”, ele sabia que os *òrìṣà* estavam se reunindo para tentar tomar o seu poder. A guarda de folhas na cabaça, foi um ensinamento proposto por *Òsányìn*, afinal naquele recipiente não havia seus segredos. Seus tesouros estavam seguros e guardados em seu “*orí*”, ou seja, seus conhecimentos. Os *òrìṣà* levaram somente as folhas que ele havia selecionado como um presente, mas tiveram que retornar para pedir para que *Òsányìn* os ensinasse. Ele é o guardião dos conhecimentos que despertam o *àṣe* sobre o reino vegetal. Várias folhas ficaram de fora da cabaça e são segredos que ainda continuam guardados junto de seu *orí*.

Àwòfìn tí kàró.

Aquele verdadeiro que vê tudo.

Èlèsè kan ṣoṣo tí ñ pe è lèsè mèjì rán nísé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Aláṣe Ewé, Òsányìn!

O portador do *àṣe* das folhas, *Òsányìn!*

Àròni, di oògùn mọ̀yà.

Àròni, guardião dos segredos da medicina tradicional.

As folhas possuem várias vertentes, algumas são consideradas, positivas, neutras ou negativas. Podem ser empregadas como remédios e/ou magias para curar, mas também podem ser utilizadas para prejudicar ou até mesmo matar, através de poções (venenos), e feitiços maléficos. *Òsányìn* é uma divindade de poder multifacetado, que pode ser utilizado para diversas funções ou finalidades:

Omọ awo ní nṣe òògùn.

É o filho do awo, que pratica medicina e magia.

Ewé gbogbo kiki òògùn.

Para ele, todas as folhas têm finalidade mágica e medicinal.

Vejamos, algumas faces do grande feiticeiro do *àṣe* do reino vegetal na utilização do seu poder.

SEU LADO PRESTATIVO:

Existem provérbios (*òwe*) iorubás que reforçam o seu caráter prestativo, afinal Òsányìn ensinou seres humanos e os *òrìsàs* sobre seus conhecimentos. Formou grupos de *Elésinjes* e delegou tarefas de atendimento aos enfermos em sua ausência. *Ìta Òrun* (*ojúbo* de Òsányìn), nunca recusou um atendimento em toda sua existência, nem para aqueles identificados por ele mesmo como *orí búrukú* (pessoas sem caráter / maldosas). Aqui estamos evidenciando uma prática de atendimento de Òsányìn em *Egbéwolé*, e não, falando sobre mitos e lendas. (Àsápèòlá, informação pessoal):

Òsányìn ò torùn won lówó èyìn.

Òsányìn não recusa aqueles que o procuram.

Aképè nígbà òrò kò sunwòn.

Aquele que é chamado quando as coisas não vão bem.

Aronì, elése kan tí o gba olókùnrun kalè, bí ení gbe omodé.

O aleijado, que possui uma única perna e que, ainda assim, salva o doente com a mesma facilidade com que alguém segura um recém-nascido.

Ogba aso òkùnrun ta giègiè.

Aquele que rouba as roupas da doença e se move como se fosse cair.

O gbà wón lá tán, wón dúpé tènìtènì.

Aquele que os curou, eles agradecem muito.

SEU LADO INDOLENTE:

Òsányìn pode ser bastante indiferente para aqueles que não precisam dos seus conhecimentos e habilidades, podendo até ser omissos para os problemas de *Ọlókùnrùn* (doente), afinal, é parte do processo de cura, o desejo e as ações individuais, que visam buscar os mecanismos para se tentar alcançar a cura de doenças.

Ó roko roko Ó bá Ọlókùnrùn pààlà.

Ele chegou na fazenda de *Ọlókùnrùn* (pessoa doente)

Ó ní kí Ọlókùnrùn ó kú.

Ele disse que *Ọlókùnrùn* morreria

K'òun bàà kó ire Ọlókùnrùn mó t'òun.

Ele disse que *Ọlókùnrùn* não poderia cuidar da fazenda

Ó ní òun tún padà tọ́ jù Ọlókùnrùn.

Ele disse que se *Ọlókùnrùn* o procurasse

Ó ní ara Ọlókùnrùn tún padà dá sasasasa.

Que ele ficaria curado.

SEU LADO BELICOSO:

Para seus om̄o Òsányìn, ele ensinou sobre medicinas e magias para a cura de doenças físicas e/ou espirituais, mas também ensinou feitiços para diversas outras finalidades, para a prosperidade, proteção e/ou destruição dos inimigos de Elénsijē. (Àsápèlálá, informação pessoal).

O gba àse ogun ta gíe-gíe.

Com o àse da magia e da medicina, mostra-se com firmeza.

Okùnrin gbogbo, dá nkan dá nkan.

O poderoso que comete crimes.

Elésè kan tí ó lé, elésè méjì sáré.

O homem de uma perna só, que coloca o de duas pernas para fugir.

Àròni, já sí kòtò di oògùn máyà.

Àròni, que pula em um poço com amuletos amarrados no peito.

Em um artigo publicado pela Universidade de Ibadan, Ojedokun & Ogundipe (2019) apresentam Òsányìn como um dos mais eficientes oráculos em terras iorubá, inclusive trabalhando como agente pacificador, da ordem e paz, ajudando a polícia local, em Iseyin no sudoeste da Nigéria, na solução dos crimes. O poder que pode prever e curar, mas que também pode enfraquecer e/ou destruir.

Segue alguns trechos retirados do artigo (Ojedokun & Ogundipe p. 29 e 30):

“Osanyin é uma divindade muito sábia. Ele sabe lidar com criminosos. Sempre que é invocado para capturar um criminoso aterrorizando a comunidade, ele não atacará o culpado diretamente como outras divindades, como Sango, Ogun ou Osoosi, normalmente fazem.”

“Em vez disso, ela (divindade Osanyin) instruirá seu guardião sobre os sacrifícios necessários a serem feitos para poder enfraquecer o poder do culpado, especialmente se ele ou ela for suspeito de estar usando o poder metafísico. Feito isso, o criminoso alvo seria pego e preso. Isso me lembra o caso de um Ajimati, um notório ladrão que foi pego em 2001 com a ajuda da divindade Osanyin depois de aterrorizar esta cidade (Iseyin), por vários meses. Veja, muitos policiais próximos aos tradicionalistas conduziram com sucesso suas investigações criminais consultando a divindade Osanyin.”

“Se um crime ocorre em algum lugar desta comunidade, e tal caso é trazido até nós, geralmente imploramos ao(s) autor(es) suspeito(s) antes de invocar a divindade. Se, depois disso, eles se recusassem a confessar, então invocáramos o Osanyin.

“A divindade nunca pode mentir, exceto se o sacerdote responsável contar mentiras. Por exemplo, se cinco pessoas são trazidas para cá como suspeitas de um crime, o Osanyin pode identificar com precisão o(s) culpado(s) entre eles. Se o culpado confessar, nós o repreenderíamos e depois procuraríamos uma maneira de resolver o problema. “

“Mas se ninguém confessar, o Osanyin diria então que o culpado ficaria cego ou coxo, após deixar este lugar. E o que quer que diga certamente acontecerá. Então, essas são as estratégias que normalmente usamos Osanyin para coibir crimes em nossa comunidade.”

Neste artigo os autores relatam que a utilização de *Òsányìn* para a solução dos crimes, vem diminuindo drasticamente, em consequência do surgimento de vigaristas e charlatões *bàbálòsányìn* e pelo crescimento de delegacias de policia em vários distritos da Nigéria. Tendo este último o respaldo legal da lei, para a resolução de pequenos roubos e furtos, e por serem mais aceitos, principalmente por aquele que não são praticante das tradições religiosas iorubás, como por exemplo de ateus, muçulmanos e cristãos.

Àsápèlálá informou que ainda recebe visitas de policiais pedindo consulta ao *ojúbò* oráculo de *Òsányìn* para auxiliá-los na solução de crimes. A complexidade de utilização da divindade *Òsányìn*, (aquele verdadeiro que vê tudo), e seu domínio na utilização de medicinas e magias, vão muito além do que podemos imaginar:

Aképè nígbà òrò kò sunwòn.

Aquele que é chamado quando as coisas não vão bem.

Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.

Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.

O gba àse ogun ta gíe-gíe.

Com o àse da magia e da medicina, mostra-se com firmeza.

Ọsányìn é conhecido como uma divindade que não gosta de más condutas. Com os *bàbálọsányìn* ele é bastante rigoroso, pois não aceita mentiras, falcatruas e o mau caráter (*iwà buru*), ainda mais para alguém utilizando o seu nome. Ọsányìn é uma energia muito poderosa e está presente na maioria das decisões de sua comunidade, sendo ativo até para advertir ou corrigir sobre condutas pessoais no dia-a-dia.

Èlésè kan soṣo tí ñ pe è lésè méjì rán níṣé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Elèwò àlà.

Aquele que não gosta de sujeira.

É uma alusão de que Ọsányìn não gosta de mentira, má conduta e do mal caráter.

O *orin ewé* narrado por Pessoa de Barros sobre Ọpèèrè (ver p. 57-8), e o mito transcrito por Verger, de um pássaro que voa, se empoleira na cabeça de Ọsányìn e lhe conta as notícias do mundo, simbolismo do pássaro que seria bem conhecido das feiticeiras chamadas de Eléye (ver p. 61). Estas duas informações possuem um grande equívoco, pois Ọsányìn é o ser que vê tudo por

completo. Esse é um dom que herdou de seu pai *Olódùmarè*. Ele não é um pássaro da floresta.

Àwòṣín tí kàró.

Aquele verdadeiro que vê tudo.

Òsányìn, a rí ibí rí òhún, bí Elédùmarè.

Òsányìn, que vê aqui e acolá, como *Elédùmarè*.

Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.

Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.

Obìnrin bá tọ sí a fì òbò han'lẹ.

Aonde a mulher fazer xixi ele mostra a sua vagina para o chão.

A kii fì eran pamó kí èèrà má rii.

Não adianta esconder a carne da formiga, ela sempre acha.

O pássaro central na haste de ferro de Òsányìn, representa o seu poder com um ser que vem do òrun, e sua estreita relação com *Olódùmarè*, que lhe confere seus conhecimentos e dons, e isso não tem nenhuma relação com Eléye. *Obàtálá* com seu *Opaṣoro* e Òrúnmilà com o Òpá *Òòsú*, ambos possuem o simbolismo de um pássaro na parte superior, que igualmente não tem relação com o poder de Eléye.



Fonte: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, p. 161.

Segundo Àsápèòlá, Òsányìn é um oráculo vivo em toda a sua caminhada no àiyé através do seu dom, que podemos chamar por *àwòfín tí kàró*, que é o poder pelo qual, Òsányìn consegue enxergar além das coisas físicas, metafísicas ou espirituais; aprofundaremos um pouco mais sobre esse assunto para melhor entendimento.

Alguns versos dos *oríkì* já publicados possuem expressões que são consideradas como metáforas:

Significado de Metáfora

Figura de linguagem em que há uma transferência do significado de uma palavra para outra, por meio de uma comparação não explícita: a paixão queimou-me; nervos de aço; dar asas a imaginação. Etimologia (origem da palavra *metáfora*). Do latim *metaphora*.ae; do grego *metaphorá*.

<https://www.dicio.com.br/>

Um dos versos publicado que serve de exemplo como uma metáfora:

Òsányìn: origem, mitos, epítetos e sincretismo

Kòògò egbòró irin.

Alguém que é tão forte quanto uma barra de ferro.

Há um ditado que diz, que nada pode destruir o ferro a não ser sua própria ferrugem. O verso do *oríkì* quer dizer que Òsányìn é poderoso ou forte igual ao ferro. Mas, existe uma outra figura de linguagem chamada de expressões idiomáticas, que exprime uma dificuldade ainda maior em sua atribuição de sentidos.

Significado de Idiomático:

Relativo aos idiomas, à língua própria de um povo.

Que é próprio e característico de um idioma.

Expressões idiomáticas. Expressão, frase ou enunciado, que não pode ser interpretada literalmente, sendo entendida na sua totalidade, geralmente não pode ser traduzida para outras línguas. Etimologia (origem da palavra *idiomático*). Do grego *idiomatikós*, especial. <https://www.dicio.com.br/>

Citaremos uma expressão idiomática utilizada neste trabalho:

Àwòfìn tí kàró.

Aquele verdadeiro que vê tudo.

À palavra *àwòfìn* podemos atribuir um sentido de alguém que examina algo com profundidade, e que vê todas as coisas relativas a determinado assunto.

Um exemplo prático: Òsányìn, me fez uma previsão de uma situação ocorrida em um passado longínquo, de

antepassados biológicos, alertando para apaziguar uma cobrança de ordem espiritual, situação que vem se arrastando por gerações.

A expressão “aquele verdadeiro que vê tudo”, está circunscrito à ação do seu poder de exame / análise. Ọsányìn pode predizer, se ele assim quiser, sobre passado, presente ou futuro e para diversas situações distintas. Como já dito anteriormente, nada se esconde aos seus olhos.

A kii fi eran pamó kí èèrà má rii.

Não adianta esconder a carne da formiga, ela sempre acha.

É uma alusão ao seu poder, nada se esconde a ele. Não queremos, porém, dizer que Ọsányìn seja onisciente. Analisemos:

Significado de Onisciência:

Característica ou condição de onisciente, que tudo sabe e conhece: os cristãos acreditam na onipresença, onisciência e onipotência de Deus. Saber absoluto; conhecimento abundante sobre tudo. [Teologia] Um dos atributos de Deus nas religiões monoteístas: onisciência divina. Etimologia (origem da palavra **onisciência**). De onisciente (-te); oniscient + ia.
<https://www.dicio.com.br/>

Entendo onisciência da seguinte maneira. Hoje temos uma população formado por mais de oito bilhões de pessoas,

então esse poder, onisciência, traria a condição de se saber ou ver, o que todas essas oito bilhões de pessoas estão fazendo simultaneamente num mesmo instante. Nesse sentido, Òsányìn não é onisciente, pois, “ver tudo” tem a ver com a profundidade das questões que envolvem o consulente.

Uma expressão que está mais próxima para uma definição do seu poder seria algo como clarividência.

Significado de Clarividência:

Propriedade de clarividente, que vê claramente, com clareza. [Espiritismo] Capacidade do médium de perceber, sem a ajuda dos sentidos, o mundo que o rodeia. Visão clara e penetrante das coisas. Discernimento correto, claro, adequado; sagacidade. [Popular] Capacidade para perceber o mundo espiritual, entidades espirituais, auras. Etimologia (origem da palavra *clarividência*). Claro + i + vidência; pelo francês clairvoyance. <https://www.dicio.com.br/>

Àsápèlálá aprendeu com seu pai ouvindo “diferentes expressões” para o poder de Òsányìn, assim como seu pai, com o seu avô, vide o *oríkì* de Egbéwolé, que traz três diferentes versos que falam sobre este assunto. Porém, a expressão que o melhor traduz é *àwòfìn tí kàró*.

O importante disso tudo é o entendimento, de que quando nos deparamos com uma expressão idiomática, não haverá palavras que vão explicar a totalidade de seu sentido.

No mito da cabaça de folhas, Ọ̀sányìn estava em *Isaba Èkítí* e conseguiu prever o futuro, de que os *òrìṣà*, iriam se reunir para tentar tomar o seu poder, motivo que o levou a se recolher na floresta.

Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.

Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.

É uma alusão de que ele vê todas as coisas.

Ọ̀sányìn consegue avaliar questões que estão ativas no presente de um indivíduo, que podem estar de alguma forma prejudicando-o, mas que sua origem pode estar distribuída no espaço tempo. Entendo que a palavra clarividência está mais próxima de uma definição, porém, ela sozinha não consegue fechar todas as lacunas para o seu poder.

Termino por aqui as considerações sobre *àwòfín tí kàró*, para retornar aos demais temas deste livro.

Então, Ọ̀sányìn é em toda sua caminhada no *àiyé* um **oráculo vivo**, e este poder ainda se manifesta nos dias atuais, através do seu *ojúbo* ancestral (oráculo que é único em sua forma por interação).

Alguns erroneamente assimilaram a simbologia do pássaro em sua haste, somado aos assobios do *ojúbo*, aos de um pássaro encantado trazendo notícias em uma consulta. Porém, é somente Ọ̀sányìn conversando, receitando medicinas, magias ou predizendo sobre a vida das pessoas,

como podemos ver no canal do Youtube *Osanyinwumi Egbewole*.²⁷

Ebora tí gbé inú agogo gb'agbára.

Aquele espírito que tem mais força dentro do agogô.

Agogo nla Ẹ eré agbára.

O grande sino de ferro que produz poderosos sons.

Okùnrin gbogbó, dá nkan dá nkan.

O arrumado que mora no canto de um quarto.

Òsányìn é o guardião dos conhecimentos que despertam as energias do àṣe do reino vegetal. Ele conhece os nomes de poder das plantas, suas propriedades medicinais e mágicas. Suas “palavras são poderosas”, pois ele é o detentor dos ofô, das palavras que despertam as energias das plantas, e ainda, suas palavras tem o poder de predizer (se ele assim quiser) sobre o passado, presente e futuro:

27 < <https://youtube.com/shorts/PjVweOm3h3E?feature=share> >

Aláse Ewé, Òsányìn!

O portador do àse das folhas, Òsányìn!

Tíotío tí t'ènú méjọ́, gbogbo ara ni kíkì òrọ́.

Aquele que fala muito, de forma que seu corpo é feito de palavras

Àròni, di oògùn mọ́yà.

Àròni, guardião dos segredos da medicina tradicional.

Agogo nla se eré agbára.

O grande sino de ferro que produz poderosos sons.

Ewé ò! Ewé ò! Ewé ò!

Ó folha! Ó folha! Ó folha!

Capítulo 6

REFUTANDO O SINCRETISMO

Como um *bàbálòsányìn*, vimos a público informar sobre a verdadeira origem de Òsányìn e que *Àròni* é somente um nome atributivo do seu poder.

Quando se sincretiza São Benedito (santo católico) com Òsányìn, isto é um equívoco, pois são seres com naturezas e estórias completamente distintas.

A comparação com o Jaxy Jaretê, o ser pequenino, encantado, de duas pernas e protetor da floresta pelas crenças indígenas guarani, é outro equívoco.

Com o Saci-Pererê (afro-indígena) mais um equívoco, pois como explicou Olívio Jekupé: “ele é um personagem com mitologias folcloristas reconstruídas, a partir das estórias do Jaxy Jaretê” (ver p. 15-18), ou seja, um sincretismo criado pelos escravos, ao transferir uma suposta culpa a esse ser, mesclando-o com suas crenças africanas pelos atributos físicos.

Era uma mentira contada pelos escravos. Olívio informou que eles culpavam o Saci, pelos seus próprios males feitos, ou suas pequenas ações revoltosas que aconteciam na

calada da noite. Foi uma forma de se protegerem de prováveis punições, para o caso de serem descobertos.

No primeiro relato que transcrevi neste trabalho (ver p. 20), narra um depoimento anônimo, sobre as primeiras “aparições” do Saci-Pererê, que teriam ocorrido no período da escravatura. O Saci era visto por Pai Adão e a Tia Liberata, conforme o relato:

“Ambos velhos, estimados, muito acatados e incapazes de invencionices. Ora, ninguém pode negar que o Adão tivesse visto o Saci. Este velho africano foi sempre um modelo de probidade. Tia Liberata, outro modelo de probidade. ”

Transcreveremos agora um último depoimento, de uma professora aposentada, em um dos poucos relatos que refutava essas estórias folcloristas sobre o Saci-Pererê, que também corroboram com as narrativas extraídas das entrevistas de Olívio Jekupé.

O depoimento de uma professora. (Lobato, 2008 [1918], pg. 68, pdf)

“A senhora dona Antônia Benta Alves de Lima, por causa da idade, recorre à mão gentil de uma netinha e depõe no tom pausado de quem já viu muito do mundo e sabe a vida. ”

“Ilmo. Senhor delegado ou promotor que acompanha o inquérito sobre o Saci-Pererê. Como descrever o tinioso e perereca Saci,

sem fazer literatura, divagações ou mostrar-lhe a psicologia? Impossível! Quem, como eu, arcada nos meus 60 janeiros e já aposentada após trinta anos de magistério, encontrando, quase que diariamente com bacharéis em Direito, médicos, deputado e até já senador, meus discípulos, a quem para boa disciplina e maior incremento ao estudo (quando não trabalhava a Santa Luzia de cinco furos) contava-lhes as histórias do Saci, sua forma e suas obras. ”

“Comecemos a formar os testemunhos do tipo nas suas diversas fases e espécies: 1º – O atraso e a falta da distribuição do ensino desde os tempos coloniais até a Constituição da República, em que, nesse período, só os ricos é que estudavam, por haver a posse necessária para a manutenção dos mesmos na Universidade do Porto, Colégio Pio Latino em Roma e outras faculdades europeias, até que chegassem as mesmas às nossas plagas, como Pernambuco, Rio, Bahia, São Paulo etc., o restante da população brasileira, em número de 70, 80 ou 90% eram analfabetos, ignorantes e supersticiosos. Por quê?”

“Derivados do cruzamento português, africano e selvagem, como se vê da própria História do Brasil em que os crioulos traziam aos cavalos dos seus senhores gamelas cheias de ouro, supondo que aqueles comessem, por ter os freios dourados nos dentes. Narremos o fato.”

“Em Itu, onde sempre exerci o magistério, desde a Escola Régia até os adventos da República, como poderia contar o doutor Cesário de Freitas, falecido e ex-deputado federal e outros clínicos seus irmãos, bem como na atualidade os irmãos Lobo, dos quais dois em evidência no Congresso estadual e federal, a

descrição que eu lhes fazia do Saci a fim de obter deles melhores notas e mais assiduidade, porquanto o Antoninho era mais do que o tinhoso, só não trazia o barretinho vermelho, de resto envolvia-se num redemoinho capaz de formar um furacão, tais as suas diabruras!”

“Ora, é sabida a forma terrível com que eram tratados os escravos, e daí o resultado das fugas para aparecerem à noite em busca de alimento, formando assim pelo medo, o medo aos outros devido às suas aparições como espectros noturnos. Contava-se naquela época a aparição de uma porca com sete leitões, de um cavalo sem cabeça, tudo comandado pelo Saci, que era nada menos do que o escravo fujão, que à noite tudo chamava no facão. Nas portas das velhas igrejas de Itu, dizia-se existir figuras do Saci, todo de preto e de carapinha, e, no entanto, eram as beatas que para lá iam aguardar a abertura da porta dos conventos para assistirem à missa. Isto às três da madrugada, em que todos dormiam. E hoje? A essa hora o movimento é maior do que do dia.”

Agora o fato da existência do Saci-pererê é a combinação de nomes indígenas – africano e brasileiro – com toda a sua superstição e ignorância que produziu essa visão, esse medo e esse fantasma que nunca existiu. Haja vista a descrição das ‘Eneidas’ de Virgílio, na qual, em um dos seus cantos, se verifica o célebre gigante de um olho só que quis devorar Aquiles e seus companheiros quando abordaram na Ilha de Paros. Que enorme Saci seria esse? No romance Noite de São João, musicado em ópera e não levada a efeito, por um acidente qualquer, existe também a descrição do Saci em plena festa de fazenda.

“Música essa do mui ilustre maestro Elias A. Lobo, já falecido. Quando o saudoso D. Pedro II visitou Itu, à sua presença trouxe um velho caboclo sexagenário, metido a poeta, falando ao soberano que tomasse muito cuidado com o Saci, que por diversas vezes aparecera ao velho conde de Parnaíba, quando voltava de comer a erva rasgada com entrecosto na casa do senhor Maneco Russo, negociante forte e conceituado naquela cidade. Então, o soberano, todo interessado, pediu-lhe que fizesse uns versos, o que imediatamente o caboclo respondeu: ”

“Meu Senhô – meu soberano

– Saci subiu ao céu

Pra fazê seu testamento

Não achando papé nem tinta

Desceu pra baixo.

Gargalhadas soaram com o estribilho do pobre velho, e este continuou”

“Saci anda no mundo

Pra fazê trampolinage

E o Siô seu Imperadô

Pra fazê politicage!”

“O bom soberano não se magoou, talvez nessa hora se lembrasse do D. Bibas de A. Herculano, gratificou o velho e passou-se calmamente à outra sala, onde se achava a Filomena, orquestra então existente naquela terra, da qual ainda existem músicos como o Pinto de Moraes e outros.”

“Tenho coisas mais interessantes sobre o Saci e suas artimanhas, porém sobre outro estudo e outra psicologia. Porém, cabelo

trançado de cavalo e o mesmo sugado a verter sangue, toda a vida souberam que era morcego e não Saci, entretanto os velhos, pela sua ignorância, chamavam de Saci. Aguardarei oportunidade para melhor descrição de coisas mais interessantes, pois sou velha, estou cansada, e quem está escreve é minha neta.”

Mas, e os outros seres pernetas com atributos físicos, encantados da floresta e/ou psicológicos relacionados ao Saci, Tezcatlipoca, Ketronamin, Elfos, Góles, Gobelins, Koboldes, Lemures e etc., que foram narrados por Rogério Réus e que estão espalhados pelo mundo?

Todos esses personagens têm alguma relação direta ou indireta com essas mitologias de Saci e não com as de Ọsányìn.

Na África, Ọsányìn é uma divindade e um *òrìṣà*!

Como foi Verger que fez a comparação entre *Àrò̀nì* e o Saci-Pererê, utilizaremos sua definição para a palavra *òrìṣà* (Verger, 1981, p. 18):

“O orixá é, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabelecerá vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirir o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O poder, *àṣẹ* do ancestral-orixá teria, após a sua

morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada”.

Òsányìn é simplesmente uma deidade iorubá, que interliga diferentes cultos de òrìṣà, em função dos seus conhecimentos e poder. Como são ditos em alguns provérbios iorubás, nada se faz sem essa energia, sem o àṣe do reino vegetal.

Ko sí Ewé, Kosí Òrìṣà!
Sem folhas não há Orixá!

Nos dias atuais, essa deidade se manifesta num ojúbò de madeira. Você pode procurá-lo para se “consultar”. Ele conversa ativamente por assobios, então consegue predizer (se assim ele quiser) sobre o passado, presente e futuro. Pode lhe proporcionar medicinas para a cura de doenças físicas ou magias para o tratamento de problemas espirituais. Òsányìn é um òrìṣà ativo, que ainda hoje presta atendimento em sua comunidade.

Não dá para compará-lo com qualquer um dos Sacis, seja por aparência física ou perfil psicológico arteiro ou traquina, ou, como um ser encantado da floresta, afinal Òsányìn foi uma divindade que atuou em algumas cidades, ajudando pessoas em condições de enfermidades. Formando sacerdotes para ajudá-lo em sua missão, que é voltada para o

desenvolvimento da humanidade, através das propriedades medicinais e mágicas do reino vegetal.

Nos dias atuais, ele ainda continua ajudando aqueles que lhe procuram, predizendo e trabalhando pelo bem-estar e saúde física e/ou espiritual das pessoas, salvando vidas humanas de homens, mulheres e crianças, ou até mesmo colaborando, com suas magias e feitiços, para a manutenção da ordem e paz em suas comunidades. Sacerdotes *bàbálósányìn*, são tidos raros e atendem toda uma comunidade nos locais onde são encontrados.



Àsápèòlá com *Ìta Ọ̀run* (*ojúbo* de *Òsányìn*).

“O Olosanyin é um "vidente" que atua como intermediário entre a divindade Osanyin e outros membros da sociedade. De fato, a

crença no poder sobrenatural desta divindade era tão forte a ponto de seu serviço ser utilizado em alguns tribunais nos primeiros dias coloniais em alguns lugares do sudoeste da Nigéria para determinar a inocência ou culpa de uma pessoa acusada.”

“Nesta cidade (Iseyin), o papel da divindade é bem conhecido por muitos de nós. Além do fato de ser o principal fitoterápico entre todas as divindades iorubás, muitas pessoas também consultam seus guardiões para resolver questões criminais. É uma divindade altamente experiente na qual as pessoas confiam para identificar o(s) culpado(s)”.

“Osanyin tem sido muito útil em Iseyin Town de várias maneiras. Mais importante ainda, está nos ajudando no aspecto da gestão do crime e no controle da mortalidade infantil.”²⁸

(Ojedokun & Ogundipe, p. 29,32. 2019)

Não simpatizo com o sincretismo religioso, afinal ele sempre foi utilizado como um mecanismo de catequização cultural aos povos oprimidos, muito embora nesta situação do Saci-Pererê, houvesse uma relação diferente quando comparamos com ideologias de dominação.

A escravidão foi um período muito triste da nossa história e, então qualquer aparato, meios ou forma encontrado pelos escravos na busca por proteção e sobrevivência, eles se

28 A tradução do inglês é nossa.

justificaram por si mesmos, afinal foram anos de crueldades e atrocidades que lhes foram impostos.

Mas, como um sacerdote *bàbá*Ọ̀sányìn tenho o dever religioso de refutar fortemente essas comparações com o Saci-Pererê. Penso que somente faz confundir e misturar seres com naturezas, estórias, tradições e culturas distintas. Essas mitologias de seres encantados da floresta, pelo ponto de vista da família *Egbé*wolé, teria mais haver com os chamados *ìwín* (espíritos da floresta). Mas, espíritos da floresta é um assunto bastante amplo para um outro trabalho.

Jaxy Jaterê é um espírito da floresta nas crenças guarani. Os mais velhos da tribo ensinam aos mais novos, sobre seus costumes e tradições. Os indígenas procuram viver em harmonia e respeito com a natureza, floresta, espíritos e animais. Então, o Jaxy é uma crença religiosa viva, como relatou Olívio Jekupé, ao fazer um paralelo com os cristãos e sua fé por santos católicos.

O Candomblé é uma religião afro-brasileira formada pela reunião de diversas etnias africanas que se organizaram coletivamente formando uma nova religião, com ritos, crenças e tradições próprias, que são independentes daqueles cultos antes proferidos individualmente pelas famílias de *òrìṣà* na África. Nos Candomblés do Brasil, se cultuam Ọ̀sányìn com cachimbo, fumo de corda, cachaça e mel.

Parte dessa prática é uma cultura que foi incorporada do Jaxy Jaterê, pois são os guaranis que possuem essas

crenças e o hábito de ao entrarem nas florestas, oferecerem o fumo e o Kaguyjy (bebida) ao Jaxy. Às vezes, o mel é oferecido junto desses outros elementos, porém como uma iguaria, com maior incidência em épocas de primavera, pelo surgimento das flores; então o mel acaba sendo menos utilizado em oferendas (vide prova documental).

Neste link ²⁹ podemos ver um vídeo sobre as oferendas dos guaranis ao Jaxy na floresta.

A utilização do petyngua (cachimbo) e o fumo é uma importante e antiga cultura para os guaranis.

No segundo artigo de Gonçalves da Rosa (2022. p.14), o autor destaca sobre a importância do petyngua na cultura indígena, transcreveremos esse trecho do seu trabalho:

“No Trabalho de Conclusão de Curso do Guarani Wera (Belarmino Silva), intitulado Petyngua – Símbolo da Vida Guarani, é possível reparar a importância desse elemento sagrado na formação da pessoa guarani.”

29 Canal Cia Mangará:

O presente de Jaxy Jaterê (autor Olívio Jekupé):

<https://www.youtube.com/watch?v=XGBTGEjtrjQ&t=5s>

“Muitos Guarani fazem uso diário do petyngua para inspiração nos estudos, na educação dos filhos, aconselhamento, organização do pensamento para o dia, para as decisões, para as previsões futuras. Também crianças usam o petyngua. O petyngua é muito usado ao redor do fogo, quando há conversas com os mais velhos, nos rituais e para expressar o pensamento para a família e para a comunidade. Seu uso se dá entre os Guarani Mbya, sendo um elemento fundamental e importante para manter a tradição do povo (SILVA, 2015, p. 7-8). “

O cachimbo é um instrumento mágico sagrado dentro das crenças guaranis, pois é através da sua fumaça sagrada (tataxina), no qual às vezes, é chamada de nuvem do céu ou manifestação da divindade, que os mais velhos da tribo conseguem se comunicar com espíritos da floresta, ancestrais e deuses. Podem ser utilizados para meditar, aumentar o poder de concentração e de comunicação espiritual. São utilizados para a cura de algumas doenças, em cerimônias religiosas, como proteção ou limpeza das energias negativas em pessoas, rezas, defumação de objetos, animais, casas etc. Ele é um instrumento mágico com o qual se aproximam ou mantem contato com Nhanderu (Deus), conforme suas crenças. (Jekupé. 2021).³⁰

30 Ver no Youtube. Petygwa Marangatu – a cura pelo cachimbo sagrado: <https://youtu.be/UcDjRTDUR90>



Olívio Jekupé, fumando com um petyngá.

Uma outra forma de purificação do corpo e do espírito é através da ingestão da bebida sagrada chamada de *kaguyjy*, que tem como base o *avaxí* (milho) transformado em fubá, fermentado com água pelas indígenas mais novas:

“Bebida feita com milho, que deve ser mascado para fermentação e misturado com água – apenas as meninas de 13 e 14 anos, que não atingiram a puberdade podem prepará-lo. Segundo os mais velhos, ao beber o *kaguyjy*, o guarani está limpando seu corpo, deixando-o sadio. os alimentos tradicionais Guarani podem ser feitos com qualquer tipo de milho, desde que seja *avaxí etei*. *Avaxí etei* significa "milho verdadeiro", uma classificação genérica que abrange todos os tipos de milho tradicionalmente cultivados pelos próprios Guarani Mbyá.”

(Felipim, 2005)

Mas, no culto tradicional de Ọ̀sányìn em Ilé-Ifẹ̀, não se utiliza cachimbo e rolo de fumo em suas liturgias. Nem a folha in natura ou processada e acabada para fumo. Perguntei ao olúwo Àsápèòlá se outras “famílias de Ọ̀sányìn” fora dessa cidade, se poderiam utilizar cachimbo e rolo de fumo em suas liturgias, e ele me afirmou que não.

O ojúbo Ìta Ọ̀run é o próprio Ọ̀sányìn manifestado em forma mais pura e completa, conversando por assobios. Além de predizer como um oráculo, pois consegue ver o passado das pessoas, ele também conta para os seus sacerdotes sobre seus feitos do passado. Suas verdadeiras estórias, manias e hábitos, quando da sua passagem pelo àiyé.

Como observamos, em Ilé-Ifẹ̀, na família Egbéwólé, Ọ̀sányìn adora beber, hábito que ainda é mantido hoje em dia, pois Ọ̀sányìn pede para beber logo após suas consultas, quando então se é jogado um pouco de gim nos lábios do totem. Este procedimento pode ser feito junto ao ojúbo.

Às vezes, ele é inteiro molhado com gim, adicionado de determinadas folhas. Isso acontece em momentos específicos, em certas liturgias...

Mas, Ọ̀sányìn (Àròni), nunca fumou como hábito pessoal (Àsápèòlá), então os bàbálọ̀sányìn ao entrarem nas florestas africanas, nunca ofertaram fumo para Ọ̀sányìn. Então, ele nunca teve um cachimbo feito de casca de caracol como foi informado por Verger (ver p. 61).

Pessoa de Barros (ver p. 57), cita que os coletores de folhas deixam cachaça, fumo e mel para *Òsányìn*, porém isso é uma cultura guarani de oferenda ao Jaxy Jaterê.

Os tradicionais *bàbálòsányìn*, são considerados pela sociedade de *Òsányìn*, somente aqueles que divinizam através do *ojúbo* oráculo de *Òsányìn*. Antes de entrarem nas florestas, já cultuavam sua divindade dentro do *Ilèsìn* (templo, ou lugar de culto comunitário).

Qkùnrin gbogbó, dá nkan dá nkan.

O arrumado que mora no canto de um quarto.

Ebora tí gbé inú agogo gb'agbára.

Aquele espírito que tem mais força dentro do agogô.

Tiotio tí t'enu méjò, gbogbo ara ni kiki òrò.

Aquele que fala muito, de forma que seu corpo é feito de palavras

Os *bàbálòsányìn* antes de entrar na floresta consultam o oráculo de *Òsányìn* para saber se podem ir ou não, se há perigos e se terão sucesso. *Òsányìn* (aquele verdadeiro que vê tudo) faz suas predições ao *bàbálòsányìn*, junto de um possível pedido de gim por suas preciosas informações, ou talvez o pedido por outros elementos que ele aprecia...

Todavia, tradicionais *bàbálòsányìn* não pedem licença a *Òsányìn* na entrada da floresta, porém entendo que

outras famílias de *òrìṣà*, por não possuir o oráculo que assobia, possam ter diferentes procedimentos neste sentido.

Então, haveria algo de errado nos hábitos brasileiros, proferidos por alguns Candomblés em ofertar esses elementos (fumo de corda, cachaça e mel), como um agrado e pedido de licença, antes de entrarem na floresta?

Entendo que não, pois ao fazê-lo, estamos cultuando os espíritos da floresta deste lado do continente, que igualmente tem sua importância e tradição cultural.

OS CHAMADOS DONOS DA TERRA!

Os guaranis já utilizavam o cachimbo, fumo de corda e Kaguyjy em suas crenças vivas, antes mesmo da vinda dos primeiros portugueses, e depois dos povos africanos; então devemos respeitar e valorizar todo legado cultural dos habitantes originários destas terras.

Sendo assim, ao entrarmos nas florestas da América do Sul, seja no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia, devemos respeitar as crenças dos guaranis que estão espalhados em nosso continente, e pedir licença aos seres espirituais que aqui fazem moradia.

Mas, ao fazê-lo, estamos pedindo licença ao Jaxy Jaterê e não a *Òsányìn* ou *Àròni*, sincretizados com o Saci-Pererê, que é um personagem folclorista.

O Candomblé é uma prática de culto brasileiro, portanto afrodescendente, que incorpora crenças, culturas e tradições de diferentes etnias vindas da África, assim como “traços de culturas indígenas” locais. Então, devemos respeitar essas práticas diaspóricas de culto, seja no Brasil em Cuba ou em qualquer outro lugar do mundo.

Entretanto, que diferentes naturezas, hábitos, crenças, culturas e tradições sejam muito bem esclarecidas, para que não se confunda mais, como um mesmo ser, *Àròni* e o Saci-Pererê, ou se preferirem *Òsányìn* e o Jaxy Jaterê.

Marcelo Candido Òsányinwumi

Capítulo 7

CONCLUSÃO

A maior parte do foi apresentado neste livro são informações antes desconhecidas dentro dos conhecimentos teológicos sobre *Òsányìn*. Trouxemos temas que abordaram sua origem, como um *irúnmonlè* que cai dos céus (*òrun*), e chega em *Èjìgbòmèkùn* (*àiyé*), sua vivência em centros urbanos (*Ilé-Ifè*, *Ìlàrè*, e *Isaba Èkítí*), *Elésinje*, *Àròni*, seu caráter prestativo, indolente ou belicoso, seu poder de predição como um oráculo, apresentação de um *oríkì* de *Egbéwolé*, etc.

Embora, sejam informações menos conhecidas, mas tudo o que foi publicado é grama baixa, pois não entra no âmago da floresta, onde se aprende sobre os mistérios e segredos tradicionais do culto de *Òsányìn*. Para alguém de fora desse culto ter acesso a essas informações, haveria uma necessidade de se pedir autorização ao oráculo de *Òsányìn*. Em todo passado, esse *òrìṣà* nunca foi muito expansivo para a realização desse feito.

Òsányìn consegue enxergar longe, ele consegue reconhecer a natureza e o coração das pessoas que lhe procuram. Nada se esconde frente seus olhos!

Do mesmo jeito os antigos *bàbálòsányìn* nunca se importaram com a propagação de suas estórias, talvez porque no passado, na Nigéria, houvesse um maior respeito entre as famílias de *òrìṣà*, e seus tradicionais cultos familiares.

Mas, de alguns anos para cá os costumes mudaram e a antiga fé no caráter e na honestidade (*ìwà lẹ̀sìn*), vem sendo substituída pelos desejos e ações do ego, orgulho, status, ganância, dinheiro, supremacia e poder.

Considero a ausência dos mais velhos *bàbálòsányìn* uma falha para com sua própria causa, pois, a falta desses sacerdotes, abriram precedentes para pesquisadores e/ou sacerdotes de outras famílias de *òrìṣà*, de virem a público para formar opinião sobre o misterioso culto de Ọ̀sányìn.

Como consequência, “pseudos conceitos teológicos”, foram divulgados por autores de renome, em narrativas que não possuem a devida seriedade, compromisso e responsabilidade junto de uma importante e antiga cultura iorubá.

Olívio Jekupé chamou a atenção para a existência de dois Sacis no Brasil: o do folclore (afro-indígena), e o verdadeiro, que é da cultura guarani (indígena). Seus livros considerados como literatura nativa, buscam apresentar e preservar o legado cultural dos guaranis, refutando essas mitologias recriadas por não indígenas, a exemplo de Monteiro Lobato, com o Saci-Pererê.

No livro do Inquérito, dos 73 depoimentos coletados, todos eram leitores do jornal o Estado de São Paulo, que leram sobre a enquete e ofereceram seus relatos através de cartas. Em uma leitura dos relatos percebi apenas duas narrativas que relatavam o Saci-Pererê como um personagem folclorista, criado a partir da imaginação, atrocidades e do medo no período da escravidão.

O Inquérito foi uma coleta jornalística com aqueles que tiveram algum tipo de proximidade com a escravidão, pessoas com melhores condições econômicas, um público letrado, formado por brancos alfabetizados. Os informantes de Lobato, foram aqueles que ouviram os relatos sincretistas dos escravos, e não as estórias dos nativos guaranis, sobre as crenças e a cultura viva do Jaxy Jaterê.

Sobre Òsányìn, e todo contexto teológico que está inserido, não existem no mundo, literaturas científicas produzidas por bàbálòsányìn, ou com o apoio desses sacerdotes, que resguardando seus próprios dogmas de segredo de culto, contem, mesmo que minimamente, seus mitos verdadeiros.

Neste sentido, este livro é um resgate do “Òsányìn verdadeiro” como analogia ao livro de Olívio Jekupé, pois igualmente, procuramos retratar sobre as crenças vivas de Òsányìn em Egbéwolé, a partir dos conhecimentos de um Olúwo bàbálòsányìn, que é um **nativo, ancião e líder**, entre os bàbálòsányìn da Nigéria. É através das suas informações

que pudemos trazer maior clareza, sobre as verdadeiras estórias de Ọ̀sányìn.

Nosso trabalho pretende refutar várias narrativas folcloristas criadas por “não nativos” da família de Ọ̀sányìn, escritores e/ou sacerdotes “desde fora” do seu culto, que criaram mitos, fantasias e engodos sobre Ọ̀sányìn e/ou Àrò̀nì como: “seres independentes, escravo comprado em uma feira, do sexo feminino, espírito da floresta, mutilado por feitiços, redemoinho de ventos, pássaro que lhe traz notícias, cabeça e rabo de cachorro, concubina assustadora, Saci-Pererê etc.”

Em Egbéwolé, o Olúwo bàbálósányìn Àsàpè̀là (meu mais velho), me fez o seguinte aconselhamento:

— *Ọ̀sányìnwumi, lidere em nome de Ọ̀sányìn e de Egbéwolé no Brasil, pois terá acesso a nossa ancestralidade, para lhe auxiliar nessa caminhada junto do òrìshà.*

— *Então, lidere de cabeça erguida, com honra, integridade e honestidade. Nunca igual a um cão, através do rabo, abanando-o para aquilo que os de fora desejam ouvir.*

— *Assim seja feito meu irmão, Olúwo bàbálósányìn!*

Em outro trabalho falaremos de forma mais abrangente sobre algumas particularidades de dentro do culto de Òsányìn, sem infringir seus dogmas de segredo, mas que desmistificarão ainda mais, sobre este òrìṣà aqui no Brasil e no mundo.

Que Òsányìn não desampare seu filho, nessa missão junto de seu nome, tradição e ancestralidade, afinal, como recitamos em Egbéwólé:

Ojú tó 'lé, ó tún tó 'ko.

Aquele que vê tudo dentro de casa, aquele que vê tudo fora.

Èlèsè kan ṣoṣo tí n pe èlèsè méjì rán nísé.

Aquele que só tem uma perna e lidera quem tem duas pernas.

Eepà Òsányìn! Eepà!

BIBLIOGRAFIA

ADEMAKINWA, J. A. *Ife, Cradle of Yoruba. A Handbook on the History of the Origin of the Yorubas*. AMV Pub. Serv. USA, 2014 pdf, [1958 imp.].

AJAYI, Abiodun & FATUROTI Olusegun R. “Èjìgbòmekùn Market in Ilé-Ifẹ̀.” Internet, *Yoruba Studies Review*, v. 5, n. 1-2, University of Florida, USA. 2021. Acesso em 14/04/2023. Disponível em: <https://journals.flvc.org/ysr/article/view/130118>

ELLIS, A. B. *Yoruba Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa*, 1894, Global Grey, e-book 2013, UK.

FELIPIM, Adriana Perez. “O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso.” *INCI*, Caracas, v. 30, n. 3, p. 143-150, marzo 2005. Acesso: 08/05/2024. Disponível em: <http://ve.scielo.org/scielo.php>

FERRAZ, Yara. “Indígenas lutam para manter viva a tradição da aldeia Krukutu”. Internet. *Diário do Grande ABC*, 09/08/2014. Acesso em 08/03/2024. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/785046/indigenas-lutam-para-manter-viva-a-tradicao-da-aldeia-krukutu>

GAZETA DO CERRADO. “O Saci é indígena.” Internet. 2020. Acesso em 14/04/2024. Disponível em:

<https://gazetadocerrado.com.br/o-saci-e-indigena-origem-parte-da-cultura-guarani-e-lendas-tem-grande-influencia-africana/>

GONÇALVES ROSA, R.R. “Jaxi e Jaxy Jaterê: o ponto de vista Guarani...”. Internet. *Espaço Ameríndio*, UFPEL, RS, partel e parte 2, 2022. Acesso em 16/01/2023. Disponível em:

1. <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/122910>

2. <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/126696>

JEKUPÉ, Olívio. “Saci, o protetor da floresta”, em *Saci Pererê - 100 anos de inquérito*, Andriolli Costa (Org.), s.e, Internet, 2017. Acesso em 16/01/2023. Disponível em: <https://coleccionadordesacis.com.br/>

_____. “O Saci verdadeiro”, São Paulo, Panda Books, 2021. 32 pp. il.

_____. Blog Olívio Jekupe. Disponível em: <https://oliviojekupe.blogspot.com/>

LOBATO, Monteiro. “O Saci-Pererê: Resultado de um inquérito, Editora Globo, 2008 [1918], pdf.

MARINS, Luiz L. *Laroye, polêmicas da religião Ioruba*. Edição do autor, Selo Uiclap, São Paulo, 2024.

MARTINS, Barbara. “O Saci é indígena”. Internet. *Portal Hypeness*. 2020 Acesso em 16/01/2023. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br>

OJEDOKUN, U. A. & OGUNDIPE, E. A. “The Utilisation and Role of Osanyin Deity in Crime Management in Iseyin Town, Nigeria.” *SocialSCI Journal*, University of Ibadan, Nigeria. 2019.

PESSOA DE BARROS, José Flávio. *A floresta sagrada de Ossaim*. Rio de Janeiro. Pallas. 2011.

PRADO, A. O. M. Almeida. “O Inquérito sobre o Saci Pererê: um Lobato múltiplo”. Em: *Reflexão Estética da Literatura 2*, Stephani, A. D (Org.), Ed. Atena, Ponta Grossa, PR. 2020. Acesso em 16/01/2023.

PRANDI, Reginaldo J. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo. Cia das Letras. Editora Schwarcs, 2001.

RIBEIRO FILHO, P. C. “O diabinho da mão furada e suas pontes populares”. *Signum*, v. 18, n. 2, FFLCH/USP, 2017.

RODRIGUES-JUNIOR. “Um estudo etno-estilístico de narrativas míticas de candomblés Quetu baianos” em: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 22, n. 4, 2022. UFMG. Minas Gerais.

SÀLÁMI, Síkírù. *Cânticos dos Orixás na África*. Editora Oduduwa. São Paulo, 1991.

SIMPSON, George E. *Yoruba Religion & Medicine in Ibadan*. Ibandan University Press, Nigéria, 1991

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Companhia das Letras. São Paulo, 2001.

VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto de Orixás e Voduns*. Edusp, São Paulo, 2012.

_____. *Orixás*. Ed. Corrupio. São Paulo, 1981.

WEVER, Lloyd & EGBELADE Olurunmi. *Yemoja Maternal Divinity: Tranquil Sea Turbulent Tides*. Athelia Henrieta Pr. New York. 1998.

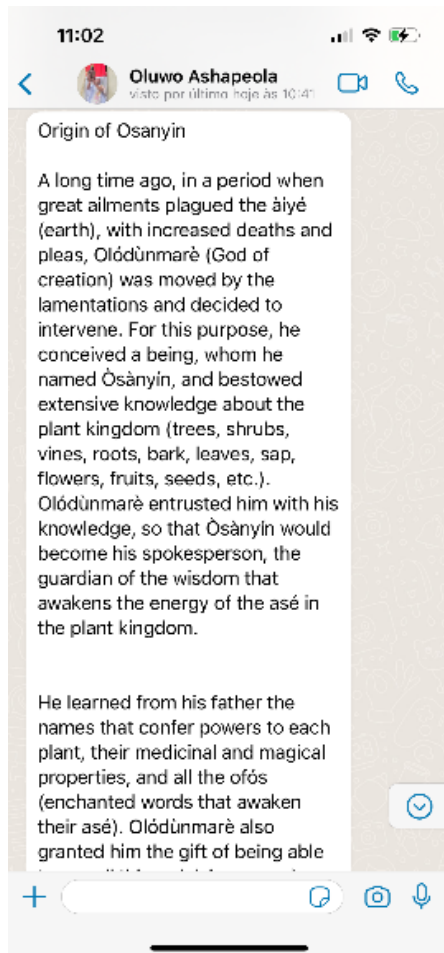
Ὀσάνην: origem, mitos, epítetos e sincretismo

A N E X O S

PROVA DOCUMENTAL

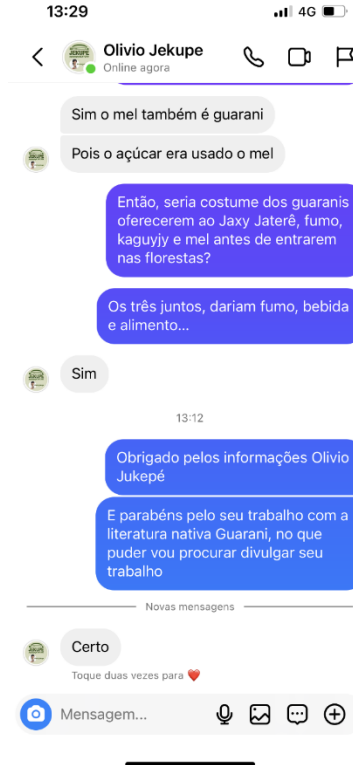
Àsàpèolà, Via WhatsApp.

Origem de Òsànyìn. 2024



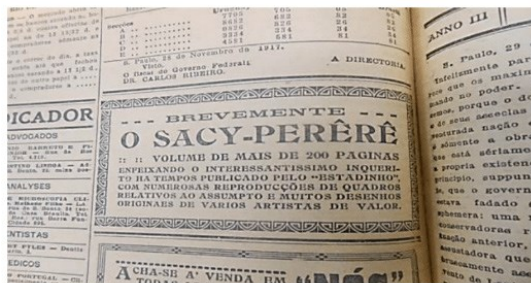
Ôsányin: origem, mitos, epítetos e sincretismo

Oferendas dos guaranis ao Jaxy Jaterê
Olívio Jukepé, Via WhatsApp, maio 2024.



Marcelo Candido Ôsányinwumi





Anúncio de OSPRI - Estadinho, 28/11/1917, p. 08, col. 04 (PRADO, 2016, p. 64)



Anúncio OSPRI - RB, dez. /1917, vol. VI, no 24, Seção "Livros Novos", p. 571 (PRADO, 2016, p. 64)

FOTOS

Òsányìn: origem, mitos, epítetos e sincretismo



Ojà Èjigbòmekùn, Ilé-Ifè na Nigéria.

Foto enviada por Abiodun Ajayi,
em abril/2024.



Templo de Òsányìn, Ìsabà-Èkìtì na Nigéria. 2021.

[#AdulawoTV](#)

Òsányìn: origem, mitos, epítetos e sincretismo



*Ìta Òrun (ojúbo de Òsányìn) em Ilé-Ifè na Nigéria.
Momento de muita emoção e choro!*



*O egúngún (ancestral bàbálòsányìn),
que é o fundador da comunidade Egbéwolé.*

O momento do abraço de uma antiga ancestralidade que
vem dar boas-vindas e abençoar os caminhos
de um novo *bàbálòsányìn*.



*Olúwo bàbàlòsányìn Àṣapèṣà e
bàbàlòsányìn Òsányìnwumi.*

Ritos de apresentação em *Egbéwolé*, do novo *bàbàlòsányìn* que representará essa família de *òrìṣà* no Brasil.

